

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA

A AMBIGUIDADE DA MEMÓRIA: OS  
RESSENTIMENTOS DE JUDEUS E ALEMÃES NA  
ALEMANHA NAZI

3731  
5.9

ANDRÉ LUI DE MARTINELLI

ANDRÉA LANDELL MARTINELLI

**A AMBIGUIDADE DA MEMÓRIA: OS  
RESSENTIMENTOS DE JUDEUS E ALEMÃES NA  
ALEMANHA NAZI**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas.

Uberlândia, Dezembro de 2008

MARTINELLI, Andréa Landell. 1985

A ambigüidade da memória: os ressentimentos de judeus e alemães na Alemanha Nazi

Andréa Landell Martinelli – Uberlândia, 2008

85 fl.

Orientador: Pedro Spinola Pereira Caldas

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Palavras Chave: memória, esquecimento, ressentimento, holocausto.

ANDRÉA LANDELL MARTINELLI

**A AMBIGUIDADE DA MEMÓRIA: OS  
RESSENTIMENTOS DE JUDEUS E ALEMÃES NA  
ALEMANHA NAZI**

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas

---

Prof. Dr. Alcides Freire Ramos.

---

Prof. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Cristo pelo amor, graça e misericórdia.

À meu pai pelo carinho e incentivo, à minha mãe pelo ensino das primeiras linhas e dedicação durante todos esses anos, à minha irmã Juliana pela companhia virtual nas minhas tardes de estudo, à minha irmã Isabela por me mostrar a simplicidade da alegria e que o esforço vale o resultado.

Ao meu esposo por me ensinar a persistência e o equilíbrio, e por demonstrar seu amor sempre presente mesmo estando longe.

Às minhas avós, Marília e Neusa pelas orações e pelos telefonemas.

À meu orientador Pedro Spinola Pereira Caldas por ter me acolhido de forma gentil, por ter me acompanhado atenciosamente durante esses últimos meses e por ter me feito crescer enquanto aluna.

Aos professores Alcides Freire Ramos e Mateus Henrique de Faria Pereira por terem aceito o convite para integrarem a banca examinadora desta monografia.

Às minhas queridas e inesquecíveis amigas Luana, Poliana, Geanne, Lígia, Cássia e Stella que entre chás, almoços, viagens, aulas e intervalos me deram todo apoio e carinho me acompanhando passo a passo neste curso.

Às famílias Pimenta, Souza, Morais, Martins e tantas outras que me acolheram como família e sustentaram meu ânimo e espírito nas horas que mais precisei.

Ao meu tio-avô Werner Naumburger que me concedeu gentilmente a entrevista.

Enfim, a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

*“A vida nada mais é do que o tempo que se viveu, a única coisa que temos, e é isto que me negam quando põem em dúvida o meu direito de rememorar”*

Paisagens da memória – Ruth Klüger

# SUMÁRIO

Considerações Iniciais .....	7
Capítulo I: O ressentimento entre memória e esquecimento.....	10
I.I: As diversas faces do (res)sentimento.....	11
I.II: Uns calam, outros falam.....	15
I.III: Entre o Letes e a Mnemósine.....	17
Capítulo II: A memória do Holocausto.....	25
II.I: É isto um homem?.....	28
II.II: Imagens do ressentimento.....	32
II.III: Os salvos e os submersos.....	33
II.IV: Vingança, ou a legitimidade do ressentimento.....	42
Capítulo III: O outro lado da história: a memória ariana.....	45
III.I: Homens ordinários.....	49
III.II: Um alemão comum.....	56
Considerações finais .....	63
Referências Bibliográficas .....	66
Anexos.....	68

## Considerações Iniciais

Este trabalho nasceu da curiosidade de uma aluna e da dedicação de um professor; de aulas conturbadas em uma sala abafada e suja e de uma imaginação que medrou das histórias da História entre latidos e motores de trator. A disciplina tinha por objetivo aprofundar temas tratados em semestres anteriores sobre a contemporaneidade, e o caminho escolhido foi apresentar os principais temas sobre o período do Terceiro Reich (1933-1945).

Nesta linha, seguimos discutindo textos que tratavam de conceitos como fascismo e totalitarismo, observando também o papel do indivíduo na História, que, neste caso, se apresenta na figura de Adolf Hitler. Era evidente, portanto, que esse trajeto nos levasse até os campos de concentração e de extermínio, e o que ficou conhecido como Holocausto.

Desprendendo-me da análise histórica e da sua importância política tanto para a Alemanha quanto para o mundo, confrontei-me com algo que já me instigava desde meu projeto de Iniciação Científica. Naquele trabalho, havia dado especial atenção às sensibilidades despertadas, após o fim do regime militar brasileiro, em pessoas que vivenciaram tal acontecimento. O trabalho com a memória dos indivíduos sobre determinado período histórico ajuda a aflorar sentimentos morais criados e cultivados ao longo desse tempo, e durante o desenvolvimento da pesquisa, ficou evidente que muitos desses sentimentos gerados na época da ditadura no Brasil perduraram por anos, mesmo depois de extinto tal regime político.

Investigar os diversos “tipos” de sentimentos e a forma como eles são manifestados foi possível, em grande parte, pela junção da leitura teórica sobre o assunto com o trabalho de história oral realizado com alguns indivíduos, tivessem eles participado ou não diretamente do período conhecido como *anos de chumbo*.

O (res)sentir foi o ponto de aproximação entre a Alemanha nazista e o regime militar no Brasil, quando observei, nas falas dos entrevistados — civis não engajados e ex-militantes políticos —, que os sentimentos expressos, de forma consciente ou não, foram fomentados e sedimentados nas camadas da memória durante o período de repressão, perpetuando-se para além dele. Com os sobreviventes do Holocausto aconteceu algo semelhante, já que, nos relatos contidos nas literaturas de testemunhos de judeus, percebem-se características iguais ou muito próximas de sentimentos como o de humilhação, raiva, culpa, vingança, ódio e rancor.

No caso alemão, temos ainda uma peculiaridade: os sentimentos morais não se esgotam em sofrimentos e humilhações causados por pessoas ligadas ao Terceiro Reich. Neste caso eles foram fundamentais para a construção do nazismo em si e fazem parte da compreensão tanto da ascensão de Hitler a líder máximo, quanto das suas ideologias insanas.

A partir de então a minha atenção se voltou para o estudo dos sentimentos morais resultantes de tal regime político, focando nas literaturas de testemunhos de sobreviventes dos campos de concentração. Falo, especialmente, de um judeu italiano chamado Primo Levi, um dos nomes dentre os responsáveis pela perpetuação da memória dos *Lager*<sup>1</sup>.

A intenção era restringir-me às vítimas do regime nazista, no entanto, durante o período da minha pesquisa, tive a oportunidade de conversar com um ex-oficial da Força Aérea alemã do período da Segunda Guerra Mundial (posteriormente aceitou participar também da entrevista), tendo sido ele mesmo prisioneiro dos aliados por muitos anos.

Esse contato me permitiu ver o lado alemão da história e atentar às sensibilidades despertadas durante a Segunda Guerra em pessoas que eram pelo regime nazista ou mesmo parte dele. Partindo da entrevista, segui para a leitura de relatos das memórias de líderes do governo alemão em livros como *As entrevistas de Nuremberg: conversas de um psiquiatra com os réus e as testemunhas*<sup>2</sup>, *Eichmann em Jerusalém*<sup>3</sup> e *Em face do extremo*<sup>4</sup>.

As memórias das pessoas que viveram lados opostos de uma mesma história me permitiram ver as ambivalências encontradas nas recordações dos sujeitos históricos e como elas se construíram alicerçadas em sentimentos fomentados pelo curso dos acontecimentos. Não podemos deixar de lado o esquecimento, que tem papel fundamental na seleção daquilo que deve ser lembrado e naquilo que se quer velado ou rejeitado.

Para trabalhar com questões referentes a sentimentos morais, ressentimentos, baseei-me nos livros *Ressentimento*, de Maria Rita Kehl, e *Memória e (res)sentimento* –

---

<sup>1</sup> *Lager*, em alemão, significa depósito, mas Levi utiliza o termo para se referir aos campos de concentração e de extermínio (em alemão, *Konzentrationslager*)

<sup>2</sup> GOLDENSOHN, Leon. *As entrevistas de Nuremberg: conversas de um psiquiatra com os réus e as testemunhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

<sup>3</sup> ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>4</sup> TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo*. Campinas: Papyrus, 1995.

*indagações sobre uma questão sensível*, principalmente nos capítulos escritos por Claudine Haroche e Pierre Ansart, os quais serão desenvolvidos no primeiro capítulo deste trabalho, onde também se tratará de questões referentes à memória e ao esquecimento e a construção de ambos através de fontes orais, tendo como auxílio textos de David Konstan, Maria Rita Kehl, Regina Beatriz Guimarães Neto, Renato Ortiz, Michel Polack, Jacy Alves de Seixas, Paul Ricouer, entre outros.

O segundo capítulo segue com o relato do assomar de sentimentos de humilhação, culpa, vingança e outros, relatados por literatura de testemunho e principalmente por imagens das narrações encontradas nos livros *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*, de Primo Levi, entrelaçando-os com relatos esparsos encontrados em outros livros.

E, no terceiro e último capítulo, aborda-se a visão alemã da história, o outro lado da memória do regime nazista e os sentimentos compartilhados pelos algozes, tratando também do sentimento de humilhação depois da derrota e o sentimento de culpa destinado a toda uma nação. Esta parte será enriquecida com trechos da entrevista feita com o veterano de guerra Werner Naumburger, — cujo texto integral está como um anexo do trabalho —, e também com a abordagem especial dos livros: *Eichmann em Jerusalém* e *As entrevistas de Nuremberg*.

# Capítulo 1

O ressentimento entre memória e esquecimento

## As diversas faces do (res)sentimento

Ao colocar os sentimentos como tema de pesquisa histórica, devemos ter claro em mente que tanto a definição de sentimento quanto a de ressentimento é bastante complexa e, em grande medida, enigmática. Isto porque a esfera do sensível, da afetividade, é passível de inúmeras interpretações por não conseguir ser definida na sua totalidade em um único conceito, e também por se imbricar em vários campos da experiência humana. Por que, então, não trazer à reflexão histórica a questão desse tipo de sentimento que é tão instigante: o ressentimento?

Nesta primeira parte, proponho uma análise mais apurada do que é o ressentimento. Para tal estudo utilizei dois textos e trechos da apresentação do livro *Memória e (Res)sentimento – Indagações sobre uma questão sensível* que aborda as diversas faces do ressentimento, estimulado principalmente pelo uso da memória. O primeiro texto intitulado *História e memória dos ressentimentos* é de Pierre Ansart, filósofo formado na Universidade de Sorbonne que trabalha neste texto com a questão do ressentimento com base nas das definições de Friedrich Nietzsche (filósofo prussiano), Max Scheler (filósofo e sociólogo alemão) e Robert K. Merton (sociólogo norte-americano).

O segundo texto, por sua vez, é escrito por David Konstan, professor da Universidade Brown nos Estados Unidos, especialista em literatura antiga grega e latina e filosofia clássica e helenística. Neste texto intitulado *Ressentimento – História de uma emoção* ele destrincha em três os sentidos do ressentimento, atentando para os sentimentos derivados deste.

Ainda entre esses textos já citados, temos o de Maria Rita Kehl, doutora em psicanálise pela PUC-SP. Conferencista, ensaísta e poeta, ela nos traz em seu livro *Ressentimentos* uma análise completa deste sentimento do ponto de vista psicanalítico, mostrando-nos também sua faceta na literatura e na política. Ela faz a exposição do que seria o ressentimento em contraposição a sentimentos de ciúmes, ira, angústia, inveja, etc.

Sendo então o ressentimento uma forma de sentimento, como não falar um pouco mais sobre ele? Tendo os sentimentos como tema de sustentação do meu trabalho, pretendo compreender aqueles que são tantas vezes guardados no mais recôndito de nosso ser e que podem ser traduzidos como sentimentos negativos, de

humilhação, de afetos ressentidos, de rancores, de sentimentos mal-resolvidos e até mesmo de desejos de vingança.

São sentimentos que antecedem a elaboração de representações de teor simbólico e estímulo emocional e que têm forte ligação com a memória. Esta, por sua vez pode ser reconstruída como estratégia de luta política, como afirmação da identidade pelos que se vêem excluídos, evocando muitas vezes partes sombrias, inquietantes e terríficas da história.<sup>5</sup>

Pretendo aqui percorrer as “terras incertas da memória” e fazer surgir das cinzas os ressentimentos acorrentados à memória do povo judeu, em especial, aquele que passou pela dramática experiência do Holocausto e, por outro lado, dos alemães que participaram<sup>6</sup>, de alguma forma, como os perpetradores das atrocidades ocorridas durante o regime Nazista. Compreendo que ressentimento, memória e história estão intimamente relacionados entre si e apresentam forte ligação com o afeto e o político, com os sujeitos individuais e suas afetividades e com as práticas sociais e políticas.

Friedrich Nietzsche nos traz uma definição que chega a ser, sob certos aspectos, “enigmática” do ressentimento em sua abordagem histórica: para ele, o ressentimento surgiria de um conflito longínquo, caracterizado pela sublevação dos inferiores contra os dominantes<sup>7</sup>, focando aqui a história do ódio e da sua interiorização por parte dos inferiores, mesmo que o ressentimento não seja direto e assumido mas, pelo contrário, interiorizado e denegado. O ódio seria o gatilho da insurgência de escravos contra senhores, por exemplo. O ódio seguido de inveja, de ciúme assassino e desejo de vingança.

De acordo com Pierre Ansart<sup>8</sup>, Nietzsche afirma que esses sentimentos de hostilidade compartilhados são fatores eminentes de cumplicidade e solidariedade no interior de um grupo subalterno e que suas manifestações ou explosões podem ser gratificantes.

---

<sup>5</sup> BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). Apresentação. In: *Memória e (res)sentimento – indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004. p.9-13.

<sup>6</sup> Aqui inclui também os alemães que nada tinham a ver com o nazismo, mas que, na visão de Primo Levi, foram igualmente culpados por não interferirem de alguma forma na matança de judeus. É o caso da culpa que recai sobre a nação alemã no pós Segunda Guerra.

<sup>7</sup> Os exemplos apresentados pelo filósofo são: a luta dos filósofos platônicos contra os guerreiros gregos, a dos padres judeo-cristãos contra os nobres romanos, a dos povoados germânicos contra os senhores arianos. ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (Res)sentimento – Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 16

<sup>8</sup> *Idem, ibidem*, p.16-17

Max Scheler<sup>9</sup> enfatiza a diversidade nas formas de ressentimento (este no plural) e caracteriza-o como uma forma de ruminação afetiva. Com Scheler, vemos a manifestação de duas formas de ressentimento: a dos fracos e a dos dominantes (estando estes frente à autoridade perdida e em face da revolta dos que eram considerados inferiores, possuindo um tipo de ressentimento que pode ainda ser reforçado pelo desejo de reencontrar a autoridade perdida e a humilhação experimentada).

Robert Merton, por sua vez, associa o ressentimento à impotência ao dizer que os ressentimentos são sentimentos difusos de ódio, inveja e hostilidades, que o mesmo é uma sensação de impotência para exprimir os sentimentos de forma ativa e, por fim, que se trata de uma experiência continuamente renovada de impotente hostilidade. O ressentimento seria, assim, os sentimentos negativos que são “remoídos” internamente.

Maria Rita Kehl tem uma percepção parecida com a da associação do ressentimento à impotência, uma vez que, para ela, um derrotado só se torna um ressentido quando passa a ocupar o papel de vítima, sobretudo de uma vítima inocente, quando então o vencedor passa a ocupar o lugar de culpado. No lugar da vítima, a queixa e acusações dirigidas silenciosamente a um outro indivíduo funcionam para manter a passividade e assegurar sua inocência. Para ela “a manutenção ativa do ressentimento faz par com a posição passiva que ele ocupa diante do Outro”<sup>10</sup>, desincumbindo-se moralmente de qualquer responsabilidade pela situação que o ofendeu.

Outro autor que tenta apreender o que o ressentimento significa através de outros sentimentos, ou como ele mesmo diz, de outras paixões, é David Konstan<sup>11</sup>. Entre esses sentimentos, Konstan dá especial atenção aos sentimentos de pena, rancor, inveja, mágoa, sofrimento, angústia e confusão, entre tantos outros, sendo todos eles formas de expressão da dor, a qual é uma contração irracional.

Este mesmo autor apresenta três faces distintas da expressão do ressentimento. Segundo ele, existe o *sentido psicológico*, que seria algo como a raiva ou a irritação perante uma desfeita; o *sentido social*, quando, por exemplo, pertence-se a um grupo e sente que este está em uma posição injusta ou subordinada a uma hierarquia de status e, por fim, o *sentido existencial*, quando o ressentimento aparece como uma atitude mental

---

<sup>9</sup> *Idem, ibidem*, p. 19

<sup>10</sup> KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.19

<sup>11</sup> KONSTAN, David. *Ressentimento – História e uma emoção. op. cit.*, p. 59-81

duradoura causada pela repressão sistemática de certas emoções e afetos que são normais à natureza humana.

Kehl aprofunda um pouco na diferenciação de alguns desses sentimentos mencionados por Konstan ao dizer que o ressentimento não tem o caráter compulsivo e descontrolado como o do ciúme, não é espontâneo como a alegria e a ira e nem indomável como a angústia, sendo apenas um mecanismo de defesa do *eu*.<sup>12</sup>

A inveja, por sua vez, pode ser, segundo Kehl, considerada parecida com o ressentimento, mas não é a mesma coisa na medida em que a inveja é a falta por comparação com outro, mobilizando-se em prol da demanda, sendo que o ressentimento, por sua vez, apresenta uma queixa que não visa à reparação.

De qualquer forma, tais noções ainda são muito amplas e vagas, pois, como já foi dito, o ressentimento carrega consigo uma significação complexa e difícil de precisar. Por esse motivo é necessário, nesta altura, retomarmos o que Nietzsche expôs em seu livro *A genealogia da moral* para comentar ainda três amplas conotações do conceito de ressentimento: o *sentido histórico*; o *sentido psicológico* e o *sentido sóciopolítico*.

Seguindo a abordagem história apresentada mais acima, temos sua análise psíquica e, porque não, também cultural. Neste caso, Nietzsche vê o ressentimento como próprio da civilização judaico-cristã, a sua “pretensa moral que teria conseqüências sociais e políticas múltiplas e socialmente decisivas”.<sup>13</sup> Apresentando-se também na base do igualitarismo democrático destruidor, ou seja, na essência dos movimentos populares, socialistas e anarquistas, o ressentimento para ele estaria na origem da decadência das sociedades ocidentais.

Observando na análise psicológica um importante estágio no estudo do ressentimento, pretendo dar continuidade agora de forma mais profunda com o texto de Maria Rita Kehl. Já na introdução do seu livro *Ressentimento* (citado acima), ela nos apresenta uma breve explanação do que é o ressentimento: “Ressentir-se significa atribuir a um outro responsabilidade pelos que nos faz sofrer”<sup>14</sup>, estabelecendo, por vezes, uma relação de dependência infantil com o outro, supostamente poderoso, que deveria protegê-lo ou mesmo reconhecer seu valor.

---

<sup>12</sup> *Idem, ibidem*, p.33

<sup>13</sup> ANSART, Pierre. *op. cit.*, p. 17

<sup>14</sup> KEHL, Maria Rita. *op. cit.*, p.13

A primeira ligação que Kehl faz é a do ressentimento com o arrependimento, mostrando-nos claramente que um é o avesso do outro: “Instalado no lugar de queixoso, o ressentido não se arrepende: acusa. Sua reivindicação não é clara: ele não luta para recuperar aquilo que cedeu e sim para que o outro reconheça o mal que lhe fez. No entanto, não espera obter uma reparação: o que ele quer é uma espécie de vingança.”<sup>15</sup>

Para Kehl, a vingança aparece como um dos elementos do ressentido como sendo decorrência da falta de resposta imediata ao agravo, deixando o contra-ataque em suspenso. A vítima não renuncia a vingança, apenas a adia, alimentando-a com a raiva, principalmente pela impossibilidade de esquecimento.

A cura do ressentido seria, então, exatamente através do arrependimento, mas sem que este se transforme em lamentos sem fim ou em um modo de não aceitar as conseqüências de uma escolha, de erros e descaminhos percorridos ao longo de uma vida.<sup>16</sup>

Após esta exposição das diversas faces do ressentimento, retenho em especial o sentido que Robert Merton dá ao ressentimento, associando-o à impotência. A meu ver, no entanto, o ressentimento associado à impotência dá-se, sobretudo, em um primeiro momento, quando o indivíduo ainda está, como podemos dizer, “em silêncio”. O momento seguinte seria, então, o da sua exteriorização<sup>17</sup>. Essa fase vem juntamente com o processo de rememoração dos fatos e acontecimentos, geralmente vividos pelos indivíduos.

Mas, a partir dessas reflexões iniciais, foram surgindo algumas indagações, tais como: seria preciso que eu também sentisse e experienciasse esse afeto para que pudesse compreender de forma mais clara e profunda o que é o ressentimento? Pensando nisso, tentei *remoer* certos tipos de pesares e emoções que me fossem marcadamente ruins, como se só então eu pudesse sentir o que se passa com o homem ressentido. Em mim sobrevieram, sobretudo, sentimentos de ódio, raiva, desprezo, ciúmes, rancor e humilhações que, no entanto, puderam me dar apenas uma sombra do ressentimento de que falo ou busco nas experiências individuais e coletivas de um período político como o Terceiro Reich.

### **Uns calam, outros falam.**

---

<sup>15</sup> *Idem, ibidem*, p.19

<sup>16</sup> *Idem, ibidem*, p.23

<sup>17</sup> Não quero aqui generalizar, mas enfatizar que pode acontecer a exteriorização do ressentimento: ou seja, este não é um sentimento apenas vivido na “ruminação” interna.

É importante definir mais claramente qual é o papel do silêncio quando se trata de ressentimento e memória. Temos que os sentimentos geradores do ressentimento são, em sua maior parte, criados em situações extremas e, por vezes, dramáticas, como é o caso, por exemplo, das vítimas do Holocausto. Seguindo esta experiência, sentimentos como humilhação, raiva, ódio, desprezo, angústia, vão sendo criados e cultivados através da sua rememoração.

Esse período de (res)sentir o sofrimento é um momento de particular silêncio e introspecção. É neste momento que o indivíduo se cala e remói internamente os sentimentos, para só então exteriorizá-los de alguma forma. Para tal ele utiliza um poderoso mecanismo disponível conforme solicitado: a memória. É ainda neste período que ele seleciona o que deve esquecer e o que permanecerá sendo lembrado.

Segundo Levi, “aqueles que experimentaram o encarceramento (e, muito mais em geral, todos os indivíduos que atravessaram experiências severas) se dividem em duas categorias bem distintas: os que calam e os que falam<sup>18</sup>, sendo que “ambos obedecem a razões válidas: calam aqueles que experimentaram mais profundamente um mal-estar... ‘vergonha’... cujas feridas ainda doem. Falam os que percebem no encarceramento o centro de sua vida, o evento que no bem e no mal marcou toda sua existência... falam porque ‘é bom narrar as desgraças passadas’”<sup>19</sup>

O silêncio é produzido antes do ressentimento e este, por sua vez, pode estar na origem de reivindicações e contestações inesperadas<sup>20</sup>. Com isso, compreende-se que, sendo o ressentimento a origem, o homem ressentido não é de todo passivo. Primeiramente, ele cultiva e remói, silenciosamente, diversos tipos de sentimentos que levam ao ressentimento e, como segundo passo, vale-se da memória pra trazer os acontecimentos humilhantes à tona. Quem fala não permanece na passividade, mas almeja algum tipo de mudança, de libertação da sua situação para que então possa se deslocar a outra que acredita ser “melhor”.

Sair da passividade não é um movimento fácil e nem rápido, mas é possível pelo estímulo da memória nos indivíduos ressentidos. A memória chega para afastar o

---

<sup>18</sup> LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes-Os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. São Paulo: Paz e Terra, 2ª ed. 2004, p.18.

<sup>19</sup> *Idem, ibidem*, p. 18.

<sup>20</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*, Tema: Memória. Rio de Janeiro, no 3, vol.2, 1989, p.8

esquecimento e tirar o homem ressentido do total silêncio, trazendo-o de volta à “vida” e à história.

Retomando Nietzsche<sup>21</sup>, vemos que ele também se aproxima dessa idéia ao postular que as memórias se avizinham de sentimentos de rancor passivo. O mesmo filósofo diz que o homem ressentido é prisioneiro de alguns sentimentos como, por exemplo, inveja e ciúmes, da raiva impotente ou alegria nefasta. Nesse sentido, a memória estimularia práticas violentas e irracionais, numa expressão de fúria que pode se tornar incontrolável. O resultado disso, segundo a análise já citada de Pierre Ansart, é que a explosão de ressentimento pode ser gratificante, e essa explosão só pode se dar de forma ativa.

O sentimento de vingança, mesmo que muitas vezes adiado, pode ser um dos principais sentimentos depois que se sai da passividade. Mesmo que em alguns casos essa vingança nunca se realize, a sensação de “ação” é gratificante, pois foi conseguido através de um processo interno: sair da passividade do silêncio e se mostrar presente e contrariado diante do único que antes tinha ação, o algoz.

O silêncio, por si só, tem razões pra existir bastante obscuras, podendo mesmo ser razões políticas que, acrescentadas às pessoais, muitas vezes consistem em querer poupar os familiares, em especial os filhos, de crescerem na lembrança das feridas dos pais. Acontece que, não raro, algum tempo depois, as testemunhas oculares, sabendo que vão desaparecer em breve, decidem romper este silêncio, na tentativa de inscrever suas lembranças contra o esquecimento, sabendo que, para poder relatar seus sofrimentos, elas precisam, antes de mais nada, encontrar uma escuta.

### **Entre o Letes e a Mnemósine<sup>22</sup>**

A forma mais apropriada encontrada para me aproximar o máximo possível do que se passa com o homem ressentido e como este se manifesta foi através de suas lembranças e memória. Por isso a necessidade de se entender o que é a memória e como “resgatá-la”<sup>23</sup> do esquecimento.

---

<sup>21</sup> BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). Apresentação. *op. cit.*, p.12

<sup>22</sup> Termos da mitologia grega referentes ao rio Letes, rio que brinda ao homem o esquecimento de sua vida, e à Deusa Mnemósine, a personificação da memória.

<sup>23</sup> Gostaria de esclarecer que o resgate da memória não implica em retomar um acontecimento tal como se passou. A memória ao ser retomada é re-significada a partir do presente, sofrendo com isso mutações, tal como mostro mais adiante no texto.

Segundo a concepção grega, a memória seria revelação de vida e a busca pela eternidade, pois é sua tarefa salvar os feitos humanos do esquecimento, garantindo-lhes certo caráter de permanência, impedindo seu inexorável perecimento. Assim, somente a memória – Mnemósine – poderia poupar os homens de seu insignificante destino, o qual é marcado pela transitoriedade e finitude<sup>24</sup>.

Essa questão da memória, esquecimento e ressentimento, é também levantada por Kehl quando ela nos leva a Nietzsche, dizendo que, para este, o ressentido sofre de uma memória reiterada, de um impedimento de esquecer, ele não consegue esquecer o agravo, sendo a memória, neste caso, uma doença. A incapacidade do ressentido de esquecer se aproxima muito do melancólico, que mantém uma atitude amarga e pouco esperançosa diante da vida, e parece tão preso ao passado quanto aquele.

Sendo reconstruída pela recordação, a memória pode vir carregada de lembranças proibidas, indizíveis ou até mesmo vergonhosas, carregadas de nostalgia que, em alguns casos, pode comprometer uma avaliação aproximada do período que se deseja estudar<sup>25</sup>. Mas, de qualquer forma, recordar exprime a imagem do retorno pelo coração (*re*: de retornar; *cor*: de coração: palavras latinas) e só se retorna pelo coração a tudo aquilo que nos tocou profundamente.

A memória, ainda segundo Regina Beatriz Guimarães Neto, também tem a magia de transformar em infinito um acontecimento por se tornar uma chave para o entendimento de tudo que veio antes e depois, o que já não ocorre com o acontecimento vivido, o qual é limitado pela temporalidade.

Ela apresenta a memória, de forma mais ampla, de duas maneiras: a primeira é a memória nacional (memórias coletivas fortemente constituídas) ou *memória enquadrada*. Estas são as memórias instituídas pelo Estado ou por líderes (sociais, políticos, religiosos etc.), de forma a reescrever a história da maneira que lhes é conveniente, quando então alguns sujeitos sociais são evitados.

Em seguida temos a *memória individual*, que resulta da gestão de um equilíbrio precário, de um sem-número de contradições e de tensões internas do próprio indivíduo. Esta última memória, segundo Pollack, é também conhecida como memória

---

<sup>24</sup> GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Artes da memória, fontes orais e relato histórico. In: *Revista História & Perspectivas*, Uberlândia (23), Jul/Dez 2000. p.106

<sup>25</sup> ORTIZ, Renato. Memória e sociedade: os anos 40 e 50. In: *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Ed. Brasiliense 2ª ed. 1989. p.78

subterrânea, memória marginalizada, memória clandestina e inaudível, memória comum e memória idealizante.<sup>26</sup>

Esse segundo tipo de memória – sensível e carregada de afetividade – seria a responsável, como nos diz Jacy Alves de Seixas, pela lembrança de experiências marginais ou historicamente traumáticas, localizadas fora das fronteiras ou na periferia da história oficial ou dominante<sup>27</sup>.

O filósofo Tvezan Todorov, em seu livro *Em face do extremo*, nos apresenta uma reflexão sobre aspectos morais perceptíveis em situações de extrema violência, como foi o caso dos campos de concentração. Ele discorre a respeito da presença atuante do passado frente às lembranças congeladas, apresentando-nos uma forma muito curiosa de estudarmos e lidarmos com a memória.

Para ele, duas seriam as formas de recobrar um acontecimento: através de uma *memória literal* e/ou uma *memória exemplar*. No caso da *memória literal*, temos que o acontecimento é preservado na sua literalidade, pertence ao sujeito, é único, inimitável. Neste caso, as associações feitas continuam sempre no plano da contigüidade: Todorov sublinha as causas e as conseqüências desse ato, descobre todas as pessoas que podem estar ligadas ao agente inicial do sofrimento e as oprime, estabelecendo também uma continuidade entre o ser que foi e o que é agora, ou o passado e o presente de seu povo, e estende as conseqüências do traumatismo inicial a todos os momentos da sua existência.

Já no caso da memória exemplar, o acontecimento recobrado é considerado como um exemplo entre outros de uma categoria mais geral, sendo utilizado, então, como um modelo para compreender situações novas, como agentes diferentes: dele é feito um *exemplum* e dele tira-se um ensinamento. Ou seja, as associações que são evocadas no nosso espírito sublinham a semelhança e não mais a contigüidade, e a questão que se coloca não é mais assegurar nossa própria identidade, mas justificar as analogias.<sup>28</sup>

Esses dois exemplos citados por Todorov e por Beatriz Guimarães revelam algumas situações e maneiras pelas quais a memória pode ser apropriada. O que me chama atenção é que a recuperação da memória se dá, na maioria dos casos, durante a busca de sair do escuro do silêncio, quando há uma tentativa de suscitar lembranças que

<sup>26</sup> POLLAK, Michael. *op. cit.*, p.3-15

<sup>27</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. *op. cit.*, p.43

<sup>28</sup> TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo*. Campinas: Papyrus, 1995. p.283

foram, de certa forma, traumatizantes. Lembranças que esperam o momento propício para serem expressas, lembranças essas durante tanto tempo confinadas ao silêncio.

Aqui entra, então, o papel do historiador como parteiro da lembrança, como facilitador do processo de resgate e reconstrução da memória. Não nos esquecendo da dificuldade que é trazer para o presente um fato que jaz recoberto pela pele da memória, sendo por vezes possível chegar lá somente através das lembranças magoadas que cercam a cicatriz<sup>29</sup>.

Acontece que resgatar a memória implica também encurralar o esquecimento, de forma a revelar o que ele supostamente encobre, mas não só isso, precisamos antes compreender o esquecimento de forma a delimitar as fronteiras entre este e a memória<sup>30</sup>, sabendo de antemão que ambos são carregados de afetos positivos ou negativos e se valem fundamentalmente de imagens<sup>31</sup> para se exprimir, demonstrando sentimentos abstratos de forma concreta<sup>32</sup>.

Mas o esquecimento, por sua vez, apresenta algumas facetas misteriosas e interessantes que merecem especial atenção nesse momento. Existem basicamente dois tipos ou graus de esquecimento que pretendo mostrar em linhas gerais: o *esquecimento definitivo* e o *esquecimento reversível*, noções desenvolvidas por Paul Ricoeur, encontradas no texto de Jacy Alves de Seixas<sup>33</sup>.

Enquanto a primeira face é moldada, sobretudo, pelo desaparecimento completo dos vestígios que poderiam evocar experiências passadas, o esquecimento reversível está ligado ao “esquecimento de reserva”, vinculado às práticas e usos da memória. Sua importância aqui se dá por este estar muito próximo do esquecimento que pretendo problematizar em determinados indivíduos que viveram o período do Nazismo na Alemanha por se tratar de um “esquecimento em grande medida ‘administrado’, gerido politicamente, e que se vale de mecanismos conscientes e inconscientes para se repor e perpetuar”<sup>34</sup>.

<sup>29</sup> SANTIAGO, Silvano: Borrão. In: *Historias mal contadas: contos*. Rio de Janeiro: Rocco. 2005. p. 38

<sup>30</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. In: Gutierrez, H.; Naxara, M.; Lopes, M.ª S., *Fronterias, paisagens, personagens, identidades*. São Paulo: Olho d'Água, 2003, p.126

<sup>31</sup> Veremos claramente a memória se valendo das imagens no capítulo dois com as imagens do Holocausto através do testemunho de Primo Levi.

<sup>32</sup> WALTY, Ivete Lara Camargos. De metáforas e metonímias. In: *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. Org. WALTY, Ivete Lara Camargos, FONSECA, Maria Nazareth Soares, CURY, Maria Zilda Ferreira. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.51

<sup>33</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. *op. cit.*, p.132.

<sup>34</sup> *Idem, ibidem*, P.132.

É interessante notar que o indivíduo que se investe no esquecimento geralmente seleciona lembranças que ficarão guardadas no mais recôndito do seu ser, às vezes por escolha própria, às vezes por ser “forçado” a tal. Neste sentido, geralmente são os acontecimentos externos que o impelem à ocultação, provocada tanto no primeiro como no segundo caso por questões sentimentais.

Neste momento, podemos exercitar nossa memória recordando-nos do que já foi dito anteriormente sobre os sentimentos geradores de ressentimento, considerando que alguns regimes políticos ou mesmo situações da história são capazes, de forma mais intensa, de estimular o surgimento de sentimentos traumatizantes e incômodos, que forcem algumas lembranças a se “esconderem” nas camadas mais recônditas da memória.

O esquecimento aparece também como lembranças cercadas de não ditos, de silêncios e ocultações que podem, na maioria das vezes, apresentar um impedimento apenas provisório e, por vezes, até inconsciente que se instalam com o tempo pois, esquecer, muitas vezes, funciona como anti-séptico da dor, agindo como iodo sobre a ferida rasgada a fim de que os micróbios sejam queimados rapidamente, evitando a supuração.<sup>35</sup>

É na tentativa de trazer essas lembranças à vida, tirando-as da escuridão do porão da memória que optei por utilizar as literaturas de testemunho no caso judeu, e entrevistas no caso alemão. Não é uma tarefa fácil reconstruir a memória através de depoimentos dos personagens da história, pois essa reconstrução deve ser feita através da duração que separa o momento rememorado do momento relatado.<sup>36</sup>

Tzvetan Todorov segue esta mesma linha de raciocínio quando registra trechos sobre a memória em seu livro, já citado, *Em face do extremo*. Para ele, é indispensável dizer o passado através da memória, dizendo não ser possível, no entanto, haver um restabelecimento integral do passado, pois isto é, ao mesmo tempo, impossível e indesejado, ocorrendo sempre e apenas uma seleção daquilo que, no passado, aparece como digno de ser retido.

A “guerra da memória” se instalaria, por exemplo, quando os defensores do totalitarismo escolhessem alguns segmentos do passado e ocultassem os outros; enquanto seus inimigos combatem esta escolha e propõem outra em seu lugar, de

---

<sup>35</sup> SANTIAGO, Silvano: *op. cit.*, p. 39

<sup>36</sup> FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Philippe (org.) *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999, p.109

acordo com o interesse de cada um. Todorov diz que “se assim o fazem, é porque não pretendem apenas restabelecer o passado, mas também dele se servir de uma certa maneira, no presente.”<sup>37</sup>

O mesmo autor nos coloca ainda algumas questões: como fazer para distinguir entre os bons e os maus usos da memória recobrada? Devemos nos contentar em lamentar diante do desaparecimento de uma tradição, embaraçosa, que selecionava certos fatos e rejeitava outros? Ou, ainda, resignarmo-nos à infinita diversidade de casos particulares? Sua resposta é incisiva: certamente que não.

E é neste ponto que podemos voltar ao que já foi dito a respeito da memória literal e a memória exemplar, tendo em vista a ênfase de importância que Todorov dá a esta última: “pode-se dizer que a memória literal, sobretudo levada ao extremo, é portadora de riscos, enquanto a memória exemplar é realmente libertadora” e ainda nos diz que para a memória literal, podemos falar de memória simplesmente; e para a memória exemplar, justiça.<sup>38</sup>

O exemplo histórico mais claro que Todorov nos dá com relação a isso é o relato da memória de um dos ex-prisioneiros do campo de concentração chamado David Rousset. Se este tivesse privilegiado a memória literal, teria passado o resto da vida a mergulhar em seu passado, a pensar em suas próprias feridas, a alimentar seu ressentimento em relação àqueles que lhe infligiram uma ofensa inesquecível. Ao privilegiar a memória exemplar, ele opta por se servir da lição do passado para agir no presente.<sup>39</sup>

Nos relatos de sobreviventes e mesmo nas entrevistas, no entanto, podemos encontrar a solicitação de uma memória passível de erros, de mitos, de mitologia e, evidentemente, o historiador tem muito a fazer para problematizar e compreender tais “erros” e “mistificações” da memória. Isso, no entanto, não tira as riquezas encontradas em tais fontes, principalmente pela sua capacidade de cobrir lacunas da história e de apreender todo sistema de informações.

No caso de recordações de experiências extremas, como foi o Holocausto, a deformação do registro mnemônico pode se agravar pois “a recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também traumática, porque evocá-la dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor; quem feriu

---

<sup>37</sup> TODOROV, Tzvetan. *op. cit.*, p.282

<sup>38</sup> *Idem, ibidem.* p.284

<sup>39</sup> *Idem, ibidem.* p.321

expulsa a recordação até as camadas profundas para dela se livrar, para atenuar seu sentimento de culpa”<sup>40</sup>

Todorov também nos diz que a memória dos campos deve se tornar um instrumento que informa nossa capacidade de analisar o presente, e que, para isso, é preciso reconhecer nossa imagem na caricatura que enviam os campos, por mais deformante que seja tal espelho, por mais doloroso que seja esse reconhecimento.<sup>41</sup>

A fabricação de uma realidade conveniente pode ocorrer tanto por parte dos que mintam de forma consciente, falsificando friamente a própria realidade, como por aqueles que decidem se afastar momentaneamente ou para sempre das recordações genuínas. Para estes o passado pesa, e é por experimentarem repugnância pelas coisas feitas ou sofridas que tentam substituí-las por outras.

Primo Levi, em seu livro *Os afogados e os sobreviventes - Os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*, diz que é natural e óbvio que o material mais consistente para a reconstrução da verdade, no caso dos campos de concentração e de extermínio, seja constituído pelas memórias dos que sobreviveram a eles.

Mas é necessário por à parte a piedade e a indignação que são suscitadas diante dos acontecimentos, devendo ser lidas com olho crítico, pois nas condições desumanas a que estavam submetidos, dificilmente os prisioneiros conseguiriam adquirir uma visão de conjunto de seu universo.

Levi, como próprio usufruidor da memória, fala dela de maneira incisiva: “a memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz (...) As recordações que jazem em nós não só tendem a apagar-se com os anos, mas, muitas vezes, se modificam ou mesmo aumentam, incorporando elementos estranhos”<sup>42</sup>.

Para ele, alguns mecanismos são capazes de falsificar a memória em situações de traumas, repressões, recalques e outras recordações ocorridas em estados anormais de consciência. Todavia, mesmo em condições normais desenrola-se uma lenta degradação, um ofuscamento dos contornos, um esquecimento natural, a que poucas recordações resistem.

De qualquer forma ele enfatiza que a história dos *Lager* foi escrita, em grande medida, por aqueles que, como ele mesmo, não tatearam seu fundo, ou seja, não morreram ou sofreram maiores danos no campo. Para ele, quem “tateou o fundo” não

---

<sup>40</sup> LEVI, Primo. *op.cit.*, p.20

<sup>41</sup> TODOROV, Tzvetan. *op.cit.*, p.284

<sup>42</sup> LEVI, Primo. *op.cit.*, p.19

voltou, ou então sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento e pela incompreensão.

No caso alemão, Levi nos diz que diante da lembrança do horror provocado, sua defesa pauta-se em “não sei” e “não me lembro”. Quando não se nega ter cometido a ação, geralmente acontece de se alterar as motivações que os induziram para tal. Mesmo que não haja o propósito explícito de mentir, o portador da recordação quis tornar-se um não-portador e conseguiu, expulsando de si uma recordação nociva. O vazio da memória ou a verdade putativa tende a se tornar esquecimento e verdade.<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> *Idem, ibidem*, p.25

# Capítulo 2

## A memória do Holocausto

*"Vocês que vivem seguros  
em suas cálidas casas,  
vocês que, voltando à noite,  
encontram comida quente e rostos amigos,  
pensem bem se isto é um homem  
que trabalha no meio do barro,  
que não conhece paz,  
que luta por um pedaço de pão,  
que morre por um sim ou por um não.  
Pensem bem se isto é uma mulher,  
sem cabelos e sem nome,  
sem mais força para lembrar,  
vazios os olhos, frio o ventre,  
como um sapo no inverno.  
Pensem bem que isto aconteceu:  
eu lhes mando essas palavras.  
Gravem-na em seus corações,  
estando em casa, andando na rua,  
ao deitar, ao levantar;  
repitam-nas a seus filhos.  
Ou, senão, desmorone-se a sua casa,  
a doença os torne inválidos,  
os seus filhos virem o rosto para não vê-los."*

É isto um homem? – Primo Levi

A escolha de trabalhar com literaturas de testemunho não carrega consigo nenhum acaso. Foi, inclusive, o ponto de partida para o nascimento das minhas idéias sobre o trabalho com memória e ressentimento. O primeiro contato com esse tipo de documento realmente nos faz ficar boquiabertos com a riqueza de detalhes, o trabalho com a memória, a seleção dos fatos e a cronologia marcada dos acontecimentos.

E quando se trata desse tipo de literatura, logo nos vem à mente os relatos emocionantes e chocantes de alguns sobreviventes que conseguiram traduzir em palavras os difíceis anos cercados por arames farpados e soldados da SS, maltratando, batendo e gritando em uma língua estranha à maioria deles.

Dentre os relatos impressos, os que escolhi, em especial, para ilustrar o que foi dito no primeiro capítulo sobre memória, esquecimento e ressentimento, foram dois livros escritos por Primo Levi: *É isto um homem?* – seu primeiro livro, datado de 1946 – e *Os afogados e os sobreviventes – Os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*, seu último relato sobre o mesmo tema, de 1986. Pretendo entrelaçar entre esses textos partes do livro *Em face do extremo* de Todorov e também trechos de *As Origens do*

*Totalitarismo* de Hannah Arendt que possam complementar imagens, sentimentos e impressões.

Mas antes de me dirigir aos documentos propriamente, considero importante conhecermos mais detalhadamente o principal personagem desta história: Primo Levi, pois é através dele que poderemos vislumbrar a situação de tantos outros judeus<sup>44</sup> que ficaram por anos encerrados nos *Lager* e que sobreviveram e saíram, ou que, pelo destino, caminharam a passos lentos para as câmaras de gás.

Primo Levi nasceu em Turim, no seio de uma família judia liberal, em julho de 1919. No ano de 1937 entrou para a Universidade de Turim onde cursou Química. Conseguiu, com grandes dificuldades, terminar o curso em 1941, carregando em seu título a expressão *raça judia*, devido já a uma série de leis raciais aprovadas em 1938 pelo governo fascista italiano.

Como conta em seu primeiro livro, foi detido pela Milícia no dia 13 de dezembro de 1943, tendo apenas vinte e quatro anos. Desde os vinte anos já vivia num mundo só seu, cultivando um abstrato e moderado espírito de rebelião favorecido pelo regime segregacionista. Logo juntou-se a um grupo de guerrilheiros ligados ao Movimento “*Giustizia e Libertà*”, um grupo sem contatos, sem armas, sem dinheiro ou experiência.

Quando preso, declarou-se cidadão italiano de raça judia e foi então mandado a um grande campo de concentração em Fóssoli, na região norte de Itália. O campo que era antes destinado a prisioneiros ingleses e americanos, ficou então ocupado por pessoas “não gratas” ao governo fascista republicano italiano.

Na época em que chegou ao campo, em 1944, o mesmo era habitado por cerca de cento e cinquenta judeus cujo número, em poucas semanas, passou dos seiscentos. Logo ficaram sabendo da notícia da deportação, que todos, sem exceção, seriam levados, inclusive velhos, crianças e doentes. Tinham de se preparar para uma viagem de quinze dias, embora não soubessem o destino certo. As primeiras ameaças surgiram: se um prisioneiro faltasse à chamada, dez seriam fuzilados.

Somente mais tarde soube que o lugar em que estava era Auschwitz. Lá Levi ficou até ser libertado, em 27 de janeiro de 1945, pelo Exército Vermelho. Uma série de coincidências fez com que Primo Levi sobrevivesse aos horrores do *Lager* onde passou quase um ano. E foi a vida que permitiu que a experiência dos campos de concentração

---

<sup>44</sup> Citei aqui somente os judeus por ser eles o foco da minha pesquisa, mas precisamos nos lembrar que nesses campos encontravam-se ainda prisioneiros políticos, ciganos e homossexuais.

e extermínio chegasse até nós e nos tocasse, mesmo estando local e temporalmente afastados de tal acontecimento histórico.<sup>45</sup>

### **É isto um homem?**

Creio que, uma vez ambientados, podemos enfim mergulhar nas imagens do Holocausto. Em seu primeiro livro, Levi nos revela o relato de uma memória muito recente, acontecimentos ainda frescos que não permitem nada além de uma pura descrição dos fatos. A validade e a preciosidade deste documento se encontram na riqueza de detalhes que nos tomam e nos levam à cena de tal episódio, e isso só seria possível se as lembranças estivessem novas a ponto de não permitir que se criasse em demasia contornos pra encobrir as lacunas do que foi esquecido.

A leitura é simples e fascinante. Levi leva-nos consigo de volta à Auschwitz desde seu embarque no trem: “Cada um de nós despiu da vida de maneira que lhe era mais convincente. Uns rezaram, outros se embebedaram; mergulharam alguns em nefanda, derradeira paixão.”<sup>46</sup>. Os sentimentos eram de consciente aceitação ou de revolta sem saída, de religioso abandono, de medo ou de desespero, e se revelavam através de cada um.

Chegando ao trem, receberam as primeiras pancadas “que foi tão novo e absurdo que não chegamos a sentir dor, nem no corpo, nem na alma”<sup>47</sup>. Para ele, isso era a pura expressão de bárbaros alemães que pareciam querer libertar-se de uma ira secular, fruto de uma história política mal resolvida e de humilhações sofridas após a derrota na Primeira Guerra Mundial.

Levi percebera que chegara ao fundo quando desembarcou em Auschwitz. Ele e seus companheiros haviam sido privados não apenas de seus familiares e de sua casa, mas de tudo o que possuíam: cabelos, pêlos, roupas, sapatos, dignidade e respeito. Sentia-se “reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento”<sup>48</sup>.

De repente o futuro já não existe, e isso se torna mais claro na medida em que se conhece e se experimenta mais do Campo. Os problemas se resumiam ao seu futuro

---

<sup>45</sup> Esse trecho encontra-se no capítulo intitulado A viagem. LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

<sup>46</sup> *Idem, ibidem*, p.13.

<sup>47</sup> *Idem, ibidem*, p.15.

<sup>48</sup> *Idem, ibidem*, p.25.

imediatamente, o que era mais concreto e urgente era o que deveria ser resolvido: o que se comeria, se iria chover ou nevar, se conseguiriam novos sapatos e o que descarregariam dos trens desta vez. Segundo Levi, “quando a necessidade aperta, aprende-se em breve a apagar da nossa mente o passado e o futuro”<sup>49</sup>.

No terceiro capítulo, o autor mostra como aprendeu de maneira rápida a importância de se manter limpo. Muito antes de ser um regulamento do campo, a limpeza permitia que se escapasse da grande engrenagem que os fazia virar animais. Uma vez conscientes disso, a opção que lhes restava era recusar o consentimento e se lavar para continuar vivos, para não começarem a morrer como bichos.

A primeira das coincidências que permitiu, de certa forma, a sobrevivência de Levi é apresentada já no quarto capítulo intitulado Ka-Be. O Ka-Be era a enfermaria: o campo livre de sofrimento físico. Para lá Levi foi após se machucar durante o trabalho, tendo a sorte de ser aceito. Foi no Ka-Be que aprendeu que a personalidade de cada um corria mais perigo que a própria vida, porque no trabalho não havia tempo para pensar, mas lá o tempo era deles. Foi pensando, então, que conseguiu assimilar uma nova palavra que havia aprendido: *Heimweh* (*Heima* = pátria e *Weh* = dor) que pode ser melhor traduzida como “saudade de casa”

Ainda neste capítulo, Levi traz à memória o significado que a música tinha nos *Lager*. Frequentemente ouviam-se músicas nas caixas de som espalhadas pelo Campo – principalmente quando se marchava para o trabalho e de volta dele. Elas eram gravadas nas mentes dos prisioneiros e, para Levi, seria a última coisa a ser esquecida do Campo.

Ele lembra que, mesmo um ano depois de deixar Auschwitz, “a memória nos restitui alguma dessas canções, o sangue gela em nossas veias e temos a consciência de que regressar de Auschwitz não foi pequena sorte”<sup>50</sup>. A questão da música foi uma coisa tão marcante que outras pessoas que também passaram pelo campo deixaram sua impressão sobre ela e, inclusive, temos alguns desses relatos no livro *Em face do Extremo* de Todorov.

Nas lembranças de Fania Fénelon<sup>51</sup>, prisioneira do campo de Birkenau, a música servia para acelerar os passos dos detentos ou mesmo mantê-los em sincronia, para distrair os guardas ou para dar a eles uma boa consciência. A música era “de fato a

---

<sup>49</sup> *Idem, ibidem*, p.35.

<sup>50</sup> *Idem, ibidem*, p.50-51.

<sup>51</sup> Fania Fénelon foi uma cantora de cabaré parisiense que foi presa e mandada para Birkenau por ser meio-judia e por ajudar na resistência, mantendo pessoas que faziam parte da resistência em seu apartamento. Acabou sendo resgatada por ingleses quando estava prestes a morrer de tifo.

melhor e a pior das coisas. A melhor porque devora o tempo, propicia o esquecimento, à maneira de uma droga, sai-se dela anestesiado, esvaziado... A pior porque nosso público são os assassinos.”<sup>52</sup>

Seguindo com *É isto um homem?*, no capítulo intitulado *As nossas noites*, Primo Levi prossegue a ordem cronológica que estabeleceu desde o primeiro capítulo pra contar a história dos campos de concentração. Nesta parte ele conta como foi a sua saída do Ka-Be e constata sua admiração diante do precioso trabalho de adaptação (seja inconsciente ou ativo) e da capacidade humana de “cavar-se uma toca, criar uma casca, de erguer ao redor de si uma tênue barreira defensiva”<sup>53</sup> diante das situações extremas que encontra.

É ainda neste capítulo que ele nos apresenta pela primeira vez seu melhor amigo, Alberto. Com apenas vinte e dois anos ele foi “o primeiro a compreender que esta vida é uma guerra, não fez concessões a si mesmo, não perdeu tempo com recriminações ou compadecendo-se de si próprio e dos outros; foi à luta desde o primeiro dia”<sup>54</sup>.

Ainda falando sobre as noites no Lager, Levi nos relata a interessante história dos sonhos em comum que todos os prisioneiros tinham. Nestes se traduzia o que passavam durante cada dia: “o sofrimento do dia, feito de fome, pancadas, frio, cansaço, medo e promiscuidade, transforma-se, à noite, em pesadelos disformes de inaudita violência, como, na vida livre, só acontecem em noites de febre”<sup>55</sup>

Era só fecharem os olhos que as mentes já começavam a trabalhar. Apesar de o corpo lutar por descanso, sonhavam que comiam, que voltavam para a casa, que encontravam seus familiares e contavam sobre os horrores do campo, mas que ninguém lhes dava ouvidos, devido o absurdo das atrocidades lá cometidas.

A hora de acordar era muitas vezes antes mesmo de o dia clarear e, despertados dos pesadelos, era a hora de viver o que tinham sonhado. O ritual era minucioso: levantar, fazer a cama, ir ao lavatório, se apresentar em filas e marchar para o trabalho. Levi conta dos companheiros de trabalho, das enormes e pesadas vigas que tinha de transportar daqui pra lá, do alívio da hora da refeição e do breve descanso da hora de ir ao banheiro.

A solidão é marcante na memória de Levi, mesmo porque, uma vez bichos, a qualidade humana de se dar ou ajudar ao próximo desaparecia frente à luta desesperada

---

<sup>52</sup> TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo*. Campinas: Papirus, 1995, p.115.

<sup>53</sup> LEVI, Primo. *op. cit.*, p.56.

<sup>54</sup> *Idem, ibidem*, p.57.

<sup>55</sup> *Idem, ibidem*, p.62.

de sobreviver por um pouco mais a cada dia. Tudo o que era seu tinha de ser bem vigiado: colheres, roupas, sapatos, gamelas e mesmo o pão. Qualquer distração bastava para que essas coisas fossem roubadas, muitas vezes por aquela mesma pessoa com quem se dividia a beliche. A imagem que o químico nos trás das pessoas é que “sofrem e se arrastam numa opaca solidão íntima, e nessa solidão morrem ou desaparecem sem deixar lembrança alguma na memória de ninguém”<sup>56</sup>.

À medida que os capítulos vão passando, o puro relato começa a se misturar com reflexões mais apuradas, mas ainda confusas. A degradação da condição humana é o fator que parece mais chamar sua atenção. Mas como para toda regra há exceção, ele cita o caso de alguns “salvos” entre os “submersos”. O primeiro caso é de um prisioneiro chamado Schepschel, que sobrevivera quatro anos no campo de concentração. O segundo caso é de Elias Lindzin, que sobreviveu, segundo Levi, por ser demente e, talvez por isso, resistente da aniquilação interna. Por fim, temos Henri, sobrevivente, na visão de Levi, por ser rapaz civilizado, inteligente e de ampla cultura científica e clássica.<sup>57</sup>

Para o próprio Levi, a sobrevivência se deu por uma soma de acontecimentos que permitiram por vezes uma ração de sopa a mais, alguns meses de descanso do trabalho pesado na enfermaria, o conhecimento de outras línguas como o francês e o alemão, e as trocas que conseguia efetuar com algum sucesso.

Mas o que propiciou a ele um pouco mais de vida foi um lugar especial de trabalho no novo laboratório instalado no campo. O laboratório se tornou o refúgio do trabalho pesado e do frio congelante do inverno e ainda foi fonte de obtenção de produtos como sabão e gasolina que ele poderia trocar por comida ou roupas.

O último refúgio foi mais uma vez o *Ka-Be*, para onde voltou com escarlatina, uma doença contagiosa caracterizada por febres e manchas vermelhas pelo corpo. Foi lá que passou seus últimos dez dias no campo, relatados minuciosamente no último capítulo do livro.

Os bombardeios começaram, os SS fugiram, os prisioneiros escaparam e ele permaneceu com os outros doentes. Sobrevivendo com as batatas que achou na cozinha, com uma estufa adaptada que servia também para assar a comida, com as roupas dos

---

<sup>56</sup> *Idem, ibidem*, p.90.

<sup>57</sup> O relato mais detalhado da história de cada um se encontra no capítulo Os submersos e os salvos. LEVI, Primo. *op. cit.*, p.88-102.

depósitos e com a ajuda de dois rapazes italianos que tinham chegado a pouco no campo: Charles e Arthur.

Apesar do impressionante relato, *É isto um homem?* é ainda um livro incompleto, porque é uma narrativa crua, apresentando poucas intervenções conscientes de análise. Considero que o último livro escrito por Levi – *Os afogados e os sobreviventes* – consegue completar essa primeira obra por se tratar de uma análise amadurecida dos acontecimentos, quando os sentimentos já tiveram tempo de ser remoídos e sedimentados, e quando a memória já selecionou o que é conveniente esquecer e o que deve ser lembrado. E é de fundamental importância porque se trata da visão de uma pessoa que passou pelo Holocausto e o viveu de forma intensa, e não apenas como um mero espectador.

### **Imagens do ressentimento**

Antes de entramos no livro *Os afogados e os sobreviventes* propriamente dito, creio ser importante falar um pouco sobre os jogos de imagens na construção da memória e também do esquecimento. A construção de qualquer imagem passa pelo crivo das construções sociais, políticas e culturais de cada indivíduo, sendo apropriada ou lançada no esquecimento conforme for conveniente.

Quando a imagem é construída e selecionada como algo que deva ser lembrado, ela é lançada na memória, e geralmente é carregada de afetos, podendo ser estes positivos ou negativos. E é a memória a responsável por trazer essa imagem à vida toda vez que estimulada, seja por um cheiro, uma música ou uma pintura, por exemplo.

A definição de imagem é ampla, podendo ser uma representação, reprodução ou imitação da forma de uma pessoa ou objeto; reprodução óptica real ou virtual de um objeto produzida por uma lente, aparelho ou sistema óptico; representação (ou sentimento) criada por um autor, músico ou artista através de uma obra de arte; representação do espírito ou da imaginação; reprodução mental de alguém ou de alguma coisa não presente; metáfora pela qual as idéias se tornam mais vivas, apresentando-as sob uma forma sensível<sup>58</sup>.

Neste trabalho, as imagens construídas por Levi na lembrança do que foi o Holocausto são descritas através de palavras. As imagens se apresentam de forma mais

---

<sup>58</sup> Vide Dicionário de Português on-line Priberam, disponível em <<http://www.priberam.pt>>. Acesso em: 08 set. 2008.

intensa quando ligada a algum tipo de sentimento, seja de sentimentos positivos (que são raros de encontramos ao longo dos capítulos, relacionando-se sobretudo às lembranças dos familiares, da casa e dos amigos que ficaram), ou de negativos (mais fortes e carregados de sensibilidade, encontrados abundantemente na maior parte dos capítulos).

Chamo de imagens do ressentimento porque Levi carrega a narração dele com palavras como crueldade, absurdo, culpa, silêncio, ameaças, insultos, golpes, traumas, repressões, recalques, entre outras, as quais nos levam a construir, junto com as imagens que ele propõe, cenários negros, pesados, e os sentimentos gerados a partir de então não são outros que não os do próprio ressentido, ou de alguém próximo a isso.

Mas seria Levi um simples ressentido? Ou seria apenas uma vítima dos horrores do Holocausto? Qual a separação ou mesmo a diferença entre vítimas e ressentidos? A construção para uma resposta será feita através da análise apurada dos trechos mais relevantes do livro *Os afogados e os sobreviventes*, e será um trabalho em conjunto executado por mim e por você, leitor, uma vez que não pretendo fechar a questão da vítima e do ressentimento, e sim tentar entender o papel dessas duas categorias – que por vezes se misturaram – dentro da História.

### **Os salvos e os submersos**

Considerarei interessante caminharmos passo a passo juntos, a fim de extrairmos das imagens colocadas por Levi a nossa própria impressão, sem que elas se misturem demasiadamente. Precisamos ter claro em mente, no entanto, que se trata de uma obra fascinante, a qual pode nos fazer mergulhar em suas linhas sem que consigamos nos distanciar do objeto estudado.

Começarei então pelo prefácio, onde Primo Levi já nos esclarece que o absurdo dos acontecimentos do Holocausto, como o massacre em proporções amplas e de extrema crueldade, podiam claramente levar o público a rejeitar as primeiras notícias que apareciam a respeito dos campos de extermínio nazista.

Hannah Arendt, teórica política alemã, nos explica em seu livro *As origens do totalitarismo* que um dos motivos da rejeição ou não aceitação pelo público dos relatos sobre os campos de concentração deu-se pelo fato de que estes faziam parte da

experiência do domínio total gerada pelo Estado totalitário nazista<sup>59</sup>. Nesta idéia, tem-se que o campo é fechado para o mundo de todos os homens e até para o mundo do próprio país. Sendo então que “este isolamento explica a peculiar irrealidade e a incredibilidade que caracterizam todos os relatos provenientes dos campos de concentração e constitui uma das principais dificuldades para a verdadeira compreensão do domínio totalitário”<sup>60</sup>.

A própria monstruosidade dos acontecimentos dos campos era admitida pelos guardas da SS, atentando novamente para a incredulidade dos fatos.

Seja qual for ao fim desta guerra, a guerra contra vocês nós já ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito (...) destruiremos as provas junto com vocês (...) as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança.<sup>61</sup>

A respeito dos algozes, Arendt diz que para que fosse possível cometerem tais crimes, estes deveriam ser organizados de maneira inverossímil “porque a própria imensidade dos crimes garante que os assassinos, que proclamam sua inocência com toda sorte de mentiras, sejam mais facilmente acreditados do que as vítimas que dizem a verdade”<sup>62</sup>.

Para perpetuar a mentira de seus discursos, a destruição das provas sobre os campos era apenas mais uma das partes do plano nazista: em 1943 destruíram o gueto de Varsóvia, no outono de 1944 explodiram os fornos crematórios e as câmaras de gás de Auschwitz e todos os arquivos dos *Lager* foram queimados nos últimos dias de guerra. Mesmo os cadáveres deveriam desaparecer de alguma forma: empilhar centenas de corpos em fossas comuns e atribuir o feito aos soviéticos ou queimar em fogueira a céu aberto os restos que já estavam enterrados.

As palavras que Levi usa pra descrever os *Lager* são terríveis e extremamente pesadas. Ele diz que primeiramente os campos funcionaram como centro de terror político e depois como fábricas da morte e também como reservatório de mão-de-obra

---

<sup>59</sup> A classificação do Regime Nazista como totalitário é apresentada neste mesmo livro *As origens do totalitarismo*, onde Arendt mostra as características do que seria um estado totalitário, sendo o campo de concentração sua experiência máxima, para maiores detalhes vide: ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>60</sup> ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo : Companhia das Letras, 1989, p.489.

<sup>61</sup> LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes – Os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. São Paulo: Paz e Terra, 2ª ed. 2004 p.9.

<sup>62</sup> ARENDT, Hannah. *op. cit.*, p.490.

escrava. Mas ele, como poucos, conseguiu descrever em imagens de forma tão profunda o que representou para ele o campo de concentração.

Ele apresenta ainda indignação frente às pessoas que sabiam de tais acontecimentos e que, segundo ele, não eram poucas, uma vez que o funcionamento dos *Lager* estava intimamente ligado a outros setores da sociedade, tais como grandes e pequenas indústrias, empresas agrícolas, fábrica de armamentos, as próprias fábricas dos fornos crematórios e os laboratórios que fabricavam milhões de unidades de ácido cianídrico sem nunca terem seu destino questionado.

Ele considera ainda que “a não difusão da verdade sobre os Lager constitui uma das maiores culpas coletivas do povo alemão”<sup>63</sup> mas crê que, “sem dúvida, aqueles que conheciam a horrível verdade por serem (ou terem sido) responsáveis tinham fortes razões para calar”<sup>64</sup>.

Sobre os que estavam no campo, o autor apresenta-os como portadores do papel de vítima, uma vez que declara que eles

não sabiam da existência de outros Lager, talvez a poucos quilômetros de distância. Não sabiam para quem trabalhavam. Não compreendiam o significado de certas imprevistas mudanças de condição e das transferências em massa (...) em suma, sentiam-se dominados por um enorme edifício de violência e de ameaça, mas não podiam daí construir uma representação porque seus olhos estavam presos ao solo pela carência de todos os minutos.<sup>65</sup>

No primeiro capítulo do livro, temos um pouco do que já foi falado na primeira parte desta monografia a respeito de como Levi utiliza a memória para falar da ofensa do Holocausto. O que seria verdadeiro e o que seria falso no relato das testemunhas? Como saber se os prisioneiros tinham “escapado” das memórias difíceis, criando em torno de si uma falsa realidade?

Para ele, a distinção entre o verdadeiro e o falso perdia progressivamente suas linhas e a pessoa acabava por acreditar plenamente na narrativa que criou e que tão freqüentemente continuava a fazê-la, podando e retocando aqui e ali os detalhes menos plausíveis. Não era puramente deliberada a criação dessa falsa realidade, ela era apenas utilizada a fim de que se aproveitasse de uma verdade confortável que permitisse, então, viver em paz.

---

<sup>63</sup>LEVI, Primo, *op. cit.*, p. 12.

<sup>64</sup>*Idem, ibidem*, p.12.

<sup>65</sup>*Idem, ibidem*, p.14.

Quando não se criava uma falsa realidade, as experiências complexas e traumáticas tendiam a filtrar inconscientemente suas recordações, filtros estes que podemos dar o nome de esquecimento. Assim, nas narrações, seja entre os prisioneiros ou contada a terceiros, preferiam “deter-se nas tréguas, nos momentos de alívio, nos interlúdios grotescos, estranhos ou relaxados, esquivando-se dos episódios mais dolorosos”<sup>66</sup>.

Mas para Levi, melhor do que se esquivar da dor, é impedir que tais memórias difíceis entrem, pois “é mais fácil vetar o ingresso a uma recordação do que dela se livrar depois que foi registrada”<sup>67</sup>. Mas o registro se daria tão-somente pela recordação constante ou apenas o fato de ter vivido tal experiência já não é suficiente para que fique guardado na memória? Como evitar a recordação quando se trata de acontecimentos tão marcantes como os dos campos?

A resposta que Primo Levi sugere é que “com o objetivo de defesa, a realidade pode ser distorcida não só na recordação, mas no ato mesmo em que se verifica”, e nos dá um exemplo claro de como isso podia acontecer, dizendo que ainda no campo “fabricavam ilusões consolatórias como “a guerra terminará em duas semanas”, “não haverá mais seleções”, “os ingleses desembarcaram na Grécia”, “os poloneses da Resistência estão para libertar o campo”<sup>68</sup>.

O capítulo segundo, intitulado *A zona cinzenta*, é um dos capítulos mais complexos e profundos do livro, por nos apresentar várias imagens relacionadas à violência e à humilhação. Ele começa nos alertando para a comum bipartição nós-eles, amigo-inimigo, bem-mal etc., na narração de qualquer fato, principalmente no histórico. Mas pela experiência do Holocausto não ter sido “qualquer fato”, ela não se encaixa nesse tipo maniqueísta de história.

O *Lager* não seguia qualquer padrão. Não se distinguia uma fronteira, mas muitas e confusas, e também não apresentava uma simples rede de relações humanas, a qual não podia ser reduzida em bloco das vítimas e dos opressores<sup>69</sup>. Rompia-se com sua capacidade de resistência e logo depois vinha a humilhação, representada em imagens que Levi descreve de forma muito viva “os chutes e os murros desde logo,

---

<sup>66</sup> *Idem, ibidem*, p.27

<sup>67</sup> *Idem, ibidem*, p.25

<sup>68</sup> *Idem, ibidem*, p.27

<sup>69</sup> *Idem, ibidem*, p.32.

muitas vezes no rosto; a orgia das ordens gritadas com cólera autêntica ou simulada; o desnudamento total; a raspagem dos cabelos; a vestimenta em farrapos”<sup>70</sup>.

A imagem da inveja aparece quando conta-nos como eram tratados os recém-chegados. Estes eram raramente acolhidos, manifestava-se contra eles aborrecimento ou mesmo hostilidade, eram submetidos a zombarias e brincadeiras cruéis e eram invejados porque “pareciam trazer consigo o cheiro de sua casa, e era uma inveja absurda, já que, com efeito, se sofria mais nos primeiros dias de cativeiro do que depois”<sup>71</sup>.

O novato, também chamado em alemão de *Zugang*, era o alvo onde os mais velhos descarregavam ofensas:

a multidão desprezada dos velhos prisioneiros tendia a reconhecer no recém-chegado um alvo sobre o qual desafogar a humilhação, a encontrar à sua custa uma compensação, a construir a suas expensas um indivíduo de nível mais baixo sobre o qual despejar o peso das ofensas recebidas do alto<sup>72</sup>

Uma das principais singularidades apresentadas pelo Lager é que alguns dos próprios prisioneiros ajudaram a colaborar com ele. Eles eram selecionados de acordo com a opressão que sofriam e, quando escolhidos, facilmente aceitavam o trabalho que lhes era delegado e isto, muitas vezes, a troca de um prato a mais de sopa ou outra ração de pão.

Os prisioneiros assumiam funções de varredores, lavadores, guardas-noturnos arrumadores de cama, controladores de piolhos e de sarna, mensageiros, intérpretes, ajudantes dos ajudantes. Muitos deste se prestavam a executar o serviço que era dos SS, mesmo que sua esperança de vida fosse substancialmente igual àquela dos não privilegiados.

Os chamados *Kapos*, eram os prisioneiros que obtiveram as posições de comando, sendo geralmente recrutados entre os prisioneiros políticos. Seu poder era substancialmente ilimitado: “estavam liberados para cometer contra seus subordinados as piores atrocidades a título de punição para qualquer transgressão, ou mesmo sem motivo algum”<sup>73</sup>.

A imagem da humilhação é mais forte quando alguns dos prisioneiros judeus eram delegados a serviços como, por exemplo, colocar nos fornos crematórios os próprios judeus. Isso era feito para demonstrar que “os judeus, sub-raça, sub-homens, se

---

<sup>70</sup> *Idem, ibidem*, p.33

<sup>71</sup> *Idem, ibidem*, p.34

<sup>72</sup> *Idem, ibidem*, p.34

<sup>73</sup> *Idem, ibidem*, p.39

dobram a qualquer humilhação, inclusive a destruição de si mesmos.”<sup>74</sup>. Mas é claro que delegar à própria vítima uma parte do trabalho, e justamente a mais suja, devia servir para aliviar algumas consciências, tornando a divisão entre vítimas e opressores ainda mais “cinzenta”.

A zona cinzenta é uma figura interessante utilizada por Levi para mostrar que nos campos não havia pretos nem brancos, nem existiam os pólos onde em um lado se encontravam opressores e no outro simples vítimas. Eles se misturavam à medida que os SS eram corrompidos pelo poder que podiam alcançar e também quando o prisioneiro era corrompido por soldados SS. Eram então levados ao fundo, não somente seus corpos eram destruídos, mas igualmente o era suas almas.

Segundo Levi, essa zona cinzenta que cria homens cinzentos “se irradia dos regimes fundados no terror e na obediência”<sup>75</sup>. E a esses homens, produtos do nacional-socialismo, não podemos atribuir qualquer categoria, pois não são homens comuns como também não são monstros, não são amigos nem inimigos, são homens construídos de complexidade, e muitos são os semelhantes a este homem misto, borrado.

O homem cinzento era tanto o prisioneiro como também o SS:

“Eram feitos de nossa mesma matéria, eram seres humanos médios, medianamente inteligentes, medianamente maus: salvo exceções, não eram monstros, tinham nossa face, mas foram mal educados. Tratava-se em sua maioria de sequazes e funcionários grosseiros e diligentes: alguns fanaticamente convencidos do verbo nazista, muitos indiferentes, ou temerosos de punições, ou desejosos de fazer carreira, ou demasiado obedientes”<sup>76</sup>

No capítulo três, intitulado de *A vergonha*, Levi nos apresenta os sentimentos comuns àqueles que saíram do campo. Sair da aflição não trouxe o prazer esperado e a hora da liberdade é descrita como uma hora nem de alegria e nem despreocupada, mas que carregava consigo a destruição, o massacre e o sofrimento. Nas próprias palavras de Levi:

quando voltávamos a nos sentir homens, ou seja, responsáveis, retornavam as angústias dos homens: a angústia da família dispersa ou perdida; da dor universal ao redor; do próprio cansaço, que parecia definitivo, não mais remediável; da vida a ser recomeçada em meio às ruínas...<sup>77</sup>

---

<sup>74</sup> *Idem, ibidem*, p.44

<sup>75</sup> *Idem, ibidem*, p. 49.

<sup>76</sup> *Idem, ibidem*, p.175.

<sup>77</sup> *Idem, ibidem*, p. 61.

Esse sentimento de mal-estar foi descrito por outros sobreviventes também, como Filip Muller. Para ele houve uma sensação de abatimento, não sentindo nem felicidade e nem qualquer outro sentimento<sup>78</sup>. Mas eram na verdade sentimentos confusos que sentiam. Depois de anos sendo tratados como animais, era difícil sentir como homem, talvez por isso não sabiam se sentiam culpa, humilhação ou vergonha. A única certeza é que não experimentaram a alegria. Isso se torna claro nas palavras da própria testemunha:

À saída da escuridão, sofria-se em razão da consciência readquirida de ter sido aviltado. Não por vontade, não por pusilanimidade, nem por culpa, vivêramos durante meses ou anos num nível animalesco: nossos dias tinham sido assolados, desde a madrugada até a noite, pela fome, pelo cansaço, pelo frio, pelo medo, e o espaço para pensar, para raciocinar, para ter afeto, tinha sido anulado<sup>79</sup>.

Essa anulação dos afetos se revela também no baixíssimo índice de suicídio dentro dos campos. Levi nos apresenta três motivos para tal: primeiro porque o suicídio é próprio do homem – e os prisioneiros viviam como animais; em segundo lugar porque havia mais no que pensar: como satisfazer a fome, como se proteger do frio etc. e, em terceiro lugar, porque o suicídio nasce muitas vezes do sentimento de culpa, coisa que no cativeiro estava relegado a segundo plano.

O próprio sentimento de culpa entre os que sobreviveram é algo difícil de explicar, sentiam-se culpados por não terem morrido em lugar de outro, sentiam-se culpados por não terem agido ou por não terem feito nada contra o sistema. Nas palavras de Primo Levi “sobreviveram de preferência os piores, os egoístas, os violentos, os insensíveis, os colaboradores da ‘zona cinzenta’, os delatores (...). Arrolado entre os sobreviventes, buscava permanentemente uma justificação diante de meus olhos e dos de outros”<sup>80</sup>.

No capítulo seguinte, *Comunicar*, é falado sobre a dificuldade de comunicação, relatada também no livro *É isto um homem?*. Essa dificuldade vinha do fato de estarem em um mesmo lugar deportados italianos, iugoslavos, gregos, franceses e húngaros, os quais tinham que se entender entre si e entender a língua das ordens do campo: o alemão.

<sup>78</sup> Os relatos de testemunho de Filip Muller se encontram em seu livro intitulado *Eyewitness Auschwitz – Three years in the Gás Chamber*.

<sup>79</sup> *Idem, ibidem*, p.65.

<sup>80</sup> *Idem, ibidem*, p.71.

Segundo Levi, saber ou não o alemão era um divisor de águas, mesmo porque era muito forte entre os alemães nazistas a idéia de que no mundo existia uma só civilização: a alemã. Ou seja, todas as outras, presentes ou passadas, só eram aceitáveis na medida em que contivessem alguns elementos germânicos. Por isso,

quem não compreendia nem falava alemão era um bárbaro por definição; se obstinava-se a tentar expressar-se em sua língua, ou melhor, em sua não língua, era preciso fazer calar-se a sopapos e repô-lo em seu lugar, a puxar, a carregar, a empurrar, porque não era um ser humano<sup>81</sup>.

Estranhos sons surgiam na cidade de Babel, como passaram a ser chamados pelos prisioneiros os campos de concentração. Lá, não saber outra língua fazia alguém morrer em dez ou quinze dias, não de fome, sede, cansaço ou doenças, mas essencialmente por insuficiência de informação. Os sons se marcaram na memória como se fosse uma fita em branco, pois nada tinha sentido, nem as ordens e, muito menos, os pontapés e murros que se seguiam a elas.

Tratados como não-humanos só pelo fato de não pertencerem ao modelo ariano de raça superior, a incompreensão da língua se tornava mais um *ticket* para a morte. Não entender que era o seu número que chamavam para pegar a sopa ou para trocar os sapatos fazia-os ganhar a cada dia um pouco de morte. Sem sopa e sem entender informações, a chance de sobrevivência era baixíssima, e eles nunca imaginaram que sobreviver seria uma questão lingüística.

Além de estarem impedidos de entenderem a língua do campo, aos judeus também era vedada a comunicação com a família ou a região de origem. Daí nascia não só a impressão de um mortal abandono, como igualmente surgia um ressentimento injusto: por que não escrevem? A hora semanal da correspondência dos outros prisioneiros era a mais desoladora:

sentíamos todo peso de ser diferentes, estranhos, separados de nosso país ou, antes, do gênero humano. Era a hora em que sentíamos a tatuagem queimar como uma ferida, invadindo-nos como uma avalanche de lama a certeza de que nenhum de nós retornaria.<sup>82</sup>

No capítulo cinco, Levi descreve como “violência inútil” o que se fazia com os prisioneiros, principalmente se fossem judeus. Tudo começava na hora de embarcar nos trens. Dificilmente as narrativas de testemunho não apresentam em suas primeiras linhas

---

<sup>81</sup> *Idem, ibidem*, p.80.

<sup>82</sup> *Idem, ibidem*, p.89.

a situação do embarque. Conforme Levi nos conta, vai sendo formado em nossa mente uma grotesca imagem do violento impacto gerado ainda nas estações.

O vagão blindado era transformado em instrumento de morte, estava sempre lotado de “material humano” e, caso este material humano fosse de judeus, a situação piorava, pois eram considerados mercadoria vil, e não importava se morriam na viagem ou no campo. Entre os viajantes estavam velhos, doentes, crianças, mulheres grávidas ou amamentando e loucos, todos se revezando para agachar a fim de suportarem toda a viagem.

Levi nos mostra a terrível situação que encontravam, uma vez que, para viagens que poderiam durar semanas,

não providenciavam literalmente nada: nem viveres, nem água, nem esteiras ou palha no chão de madeira, nem recipientes para as necessidades corporais (...) essa negligência sistemática se resolvia numa crueldade inútil, numa criação deliberada de dor com fim em si mesma.<sup>83</sup>

Humilhação maior passavam na hora de fazer as necessidades fisiológicas. Os vagões não foram dotados de nenhum tipo de recipiente que servisse como latrina, e esse esquecimento “provocou uma aflição muito pior do que a sede e o frio”, pois “para todos, evacuar em público era angustioso ou impossível... uma ferida profunda infligida a dignidade humana, um atentado obscuro mas também o sinal de uma malignidade deliberada e gratuita”<sup>84</sup>.

Com respeito à alimentação, recebiam um litro de sopa por dia de ração e um pão. Muitos não tinham colheres o que os levava a virar a gamela e lambê-las como bichos. Mas não tinham colheres mais por um capricho que fazia parte da violência inútil praticada pelos soldados da SS pois, uma vez que os campos foram abandonados, foram achadas inúmeras colheres de plástico e de alumínio guardadas intactas em depósitos. Tratava-se de uma questão de intenção precisa de humilhar.

A nudez era também outra parte comum dos constrangimentos sofridos nos campos. Não se ficava apenas nu de roupas e dos sapatos, mas dos cabelos e de todos os outros pêlos. Havia uma raspagem semanal e a nudez pública e coletiva era também uma condição recorrente, típica e cheia de significado. As roupas,

mesmo aquelas imundas, mesmo os sapatos ordinários com sola de madeira, são uma defesa tênue, mas indispensável. Quem não os tem não se percebe a

---

<sup>83</sup> *Idem, ibidem*, p.94.

<sup>84</sup> *Idem, ibidem*, p.96.

si mesmo como um ser humano, e sim como um verme: nu, lento, ignóbil, vergado ao chão. Sabe que poderá ser esmagado a todo momento.<sup>85</sup>

A violência talvez mais marcante que Levi aponta neste capítulo é a da tatuagem. A partir do início de 1942, o número de controle dos prisioneiros não era mais somente costurado nas roupas, mas tatuado no antebraço esquerdo. Desta norma só estavam isentos os prisioneiros alemães não-judeus. Todos foram tatuados, homens na parte externa do braço, mulheres na parte interna e até recém-nascidos.

“A operação era pouco dolorosa e não durava mais que um minuto, mas era traumática”<sup>86</sup>, servia para mostrar que não tinham mais nome, agora eram apenas um número. E a tatuagem era ainda mais perturbadora para os judeus ortodoxos, uma vez que era vetada pela lei mosaica, descrita no livro bíblico de Levítico, capítulo dezenove, versículo vinte e oito: “Pelos mortos não ferireis a vossa carne, nem fareis marca nenhuma sobre vós. Eu sou o Senhor”<sup>87</sup>.

Considerarei necessário avançar para o capítulo intitulado *Cartas de Alemães* para tratar da última imagem, que se apresenta na forma de sentimento. A vingança é um dos tipos de sentimentos mais difíceis de ser tratado pelos que sobreviveram aos campos, tanto para judeus, como para os próprios alemães<sup>88</sup>. Em páreo com ela, coloco o sentimento de culpa, pela dificuldade que se tem de expressá-lo, resolvê-lo e esquecê-lo.

### **Vingança, ou a legitimidade do ressentimento.**

Levi diz nesse capítulo que a vingança não o interessava, mas acrescenta: “para mim estava bem assim, que os outros, os profissionais, cuidassem dos justificadíssimos enforcamentos”<sup>89</sup>. A vingança realmente poderia não interessar caso a palavra “justificadíssimos” não aparecesse. Uma vez que a encontramos aí, é certo que se Levi acha mais do que justos os enforcamentos dos culpados pelo holocausto, então a vingança já está explícita, mas é uma vingança limpa: não farei com minhas próprias mãos o que eu mesmo e muitos outros sofremos dos alemães.

Outra forma de “vingança” vem com a tradução de seu livro *É isto um homem?* para o alemão, pois aí então Levi poderia mostrar para o povo germânico o que eles.

<sup>85</sup> *Idem, ibidem*, p.98.

<sup>86</sup> *Idem, ibidem*, p.103.

<sup>87</sup> Levítico 19:28. Texto encontrado na Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, 1536p.

<sup>88</sup> Como veremos na entrevista com Werner Naumburger no capítulo 3.

<sup>89</sup> LEVI, Primo. *op.cit.*, p.144.

seus pais ou mesmo avós, fizeram aos judeus. Com a tradução, Levi punha para fora o que lhe invadira durante anos e o que ele carregava consigo. Poderia agora gritá-las à luz do dia. Confessa que escrevera esse livro aos alemães mesmo, se tornando, com a tradução, como uma arma apontada para as pessoas certas, pronta para disparar.

Palavras como “eu os forçaria a ficar diante de espelhos”<sup>90</sup>, não nos demonstram nada mais que uma vingança encoberta, uma vez que sua maior satisfação viria de uma resposta alemã afirmativa de sua culpa. Ele não pretendia alcançar os grandes culpados – uma vez que muitos destes já tinham ou morrido, ou sido julgados – mas o povo, tanto os que tinham seguido Hitler, como os que tinham se calado.

Muitos realmente escrevem para ele, e neste capítulo ele nos relata alguns casos, como na carta de H. L., uma estudante bávara, que escreveu: “Nós, filhos de uma geração cheia de culpa, somos plenamente conscientes disso, e tentaremos mitigar os horrores e as dores passadas para evitar que se repitam no futuro”<sup>91</sup>.

Mas nenhuma das cartas que recebeu foi capaz de satisfazer a ânsia de justiça de Primo Levi, pois diz que apesar de seu livro ter tido repercussão na Alemanha, os que tinham lido eram os que menos tinham necessidade de fazê-lo, pois “me haviam escrito cartas de arrependimento os inocentes, não os culpados. Estes, como é compreensível, calavam”<sup>92</sup>.

Mas do que Levi está isento? Descarregar em palavras os ressentimentos guardados e remoídos anos a fio o livrava de qualquer culpa? O que poderia a memória ter lançado no esquecimento das coisas que aconteceram dentro dos campos, onde ele poderia ter sido o personagem omissos diante de um judeu que morria, por exemplo, de fome? A memória e o tom das lembranças descrito em seus livros nos levam a criar imagens de monstros alemães vestidos de gente, e nos deixam no papel de vítimas somente os judeus.

É claro que os judeus eram vítimas, era uma questão mais que religiosa, era biológica<sup>93</sup>, mas ser vítima não implica em fazer e/ou manter discursos rancorosos e cheios de sentimentos negativos. Parece que o ressentimento em Levi é para si, como forma de auto-punição. Já para o outro a punição viria através da vingança. Porque,

---

<sup>90</sup> *Idem, ibidem*, p.144.

<sup>91</sup> *Idem, ibidem*, p.160.

<sup>92</sup> *Idem, ibidem*, p.164.

<sup>93</sup> Como estava escrito nas Leis de Nuremberg, qualquer pessoa que tivesse um dos quatro avós judeus já era considerado judeu, independente de uma possível conversão ao protestantismo ou cristianismo.

delimitados os papéis, alguém tem de pagar pelos horrores do holocausto, mesmo que esse alguém seja diluído em todo o povo alemão, com a idéia de culpa coletiva.

A respeito das memórias dos antigos prisioneiros, Todorov nos fala que a maior parte deles insiste no lado negativo de sua experiência, porque, para eles, é isso que há de único nela. E daí vem a necessidade de julgar. Mas mesmo que se julgue, a justiça não se resume à punição, sendo também um dever diferenciar entre justiça e ressentimento.

Como então achar um equilíbrio? Como ficar entre os que rejeitam as experiências do campo – e disso exigem justiça – e o caso oposto: os que aceitavam de tudo em nome do bem e da paz, como o caso de Etty Hillesum? Todorov conta-nos este caso também em seu livro *Em face do extremo*, comentando que “Ela é uma prisioneira que acha tudo bom, tem uma paz de espírito impressionante e irritante por vezes.”<sup>94</sup>

Enquanto Hillesum acreditava que a paz só viria a partir do momento em que cada um a estabelecesse em si mesmo, extirpando “todo sentimento de ódio por qualquer raça ou qualquer povo que seja, ou então dominar esse ódio e a transformá-lo em outra coisa”<sup>95</sup>, alguns rebatiam sua idéia dizendo que combatiam os nazistas pela injustiça, pois “há ódios que são não apenas justificados, mas necessários”<sup>96</sup>.

Baseados em tal argumento, a vingança se legitima caso eu tenha sido vítima de violência, podendo então ter o direito de infligi-la. Mas não seria a vingança repreensível? Não me tornaria como meu algoz caso conseguisse efetua-la? Mas para muitos, sonhar com a vingança é o que os deixa vivos e, este sonho, mantido em espera durante anos, dilui-se em ressentimento.

---

<sup>94</sup>TODOROV, Tzvetan. *op.cit.*, p.239.

<sup>95</sup>*Idem, ibidem*, p.242.

<sup>96</sup>*Idem, ibidem*, p.245.

## Capítulo 3

O outro lado da memória: a história  
ariana

A idéia é desenvolver neste capítulo o outro lado da história do nazismo. Sabemos que toda história é composta pela memória dos sujeitos que, de alguma forma, fizeram parte de certo período histórico. No nosso caso, este trabalho ficaria inválido se eu trouxesse apenas uma das versões da história, deixando de lado tantas outras.

Está claro que, no meio das duas histórias que escolhi contar, encontram-se inúmeras outras versões, cada uma delas defendida com afinco, como se fosse a única verdade. Mas não estou aqui para ser juíza da história. A única coisa que pretendo mostrar é que, assim como os judeus apresentam suas memórias sobre o Holocausto, também os alemães as têm, e devem ser igualmente lidas e (re)conhecidas.

Escolhi, então, para esta parte, utilizar quatro fontes. A primeira e talvez a base para os outros textos é o já citado livro de Tzvetan Todorov, *Em face do extremo*. Para falar sobre a memória de alguns dos alemães mais importantes para o Terceiro Reich, há dois livros com os quais pretendo trabalhar em paralelo, uma vez que tratam de um único tema: o de Hannah Arendt, *Eichmann em Jerusalém*, e o livro de Leon Goldenson, *As entrevistas de Nuremberg*. Por fim, considere importante colocar alguns trechos de uma entrevista com o alemão Werner Naumburger, concedida a mim no início deste ano.

Todorov sustenta ao longo de seu livro a idéia de o regime nazista ser fruto de um regime totalitário e trata o campo de concentração não como uma anomalia, mas como “o coroamento lógico do projeto; ele é, ao mesmo tempo, um modelo em miniatura do conjunto da sociedade e o meio mais eficaz de terror”<sup>97</sup>, se aproximando neste ponto das idéias que Arendt tem sobre os *Lager*.<sup>98</sup>

Sendo assim, dentro dos campos, como em todo o sistema do regime nazista, encontramos pessoas que não são feras nem monstros, mas são pessoas que, tirando uma pequena parcela de sádicos, não têm nada de especial. São funcionários medíocres que trabalham a fim de ganhar a vida, que não agem por instintos, mas seguem, no entanto, um regulamento.

Nas palavras de Todorov, o Estado nazista:

aspira a controlar a totalidade da vida social de um indivíduo. O partido (nacional-socialista) não se contenta em se apoderar do poder político em sentido estrito, como nas ditaduras clássicas (...) Estende seu controle sobre toda esfera pública na vida de cada pessoa e usurpa em grande parte a esfera

<sup>97</sup> TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo*. Campinas: Papyrus, 1995. p. 314.

<sup>98</sup> Rever as já citadas páginas 488 e 489 de: ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

privada: controla trabalho, a moradia, a propriedade, a educação ou as distrações dos filhos, e até mesmo a vida familiar e amorosa.

Uma vez controlando tudo e sendo o detentor das decisões, o Estado acaba tirando do próprio indivíduo sua responsabilidade pessoal, o que traz certo alívio, primeiro de consciência e, depois, um alívio legal, já que muitos acabaram se apoiando nesta regra para se desobrigar da responsabilidade dos crimes.

Mas mesmo os homens que se vestiram com as metas e objetivos do Estado não foram inteiramente privados da possibilidade de escolher. Por isso a dificuldade em saber quem julgar e como julgar. Teríamos então dois grupos de pessoas a serem julgadas: os mandantes e os que executaram os crimes do Nazismo e os cidadãos alemães comuns. Para o primeiro grupo tivemos, na maior parte das vezes, julgamentos em cortes e, no segundo caso – o das testemunhas passivas –, nas palavras de Todorov, elas “só têm contas a prestar à história ou a sua própria consciência, e não aos tribunais”<sup>99</sup>.

Uma pergunta importante surge neste momento: é necessário julgar os culpados? Seguindo o curso da história, vemos que, logo ao fim da Segunda Guerra Mundial, houve o primeiro julgamento. Este foi realizado na cidade alemã de Nuremberg (antes palco de reuniões e discursos inflamados dos nazistas), em 20 de novembro de 1945, sendo julgados vinte e quatro dos considerados principais criminosos de guerra.

Diante da culpa, muitos calaram. Os casos iam desde pessoas que diziam não ter feito nada e não saber das atrocidades acontecidas – principalmente em campos de concentração – até os que desviavam a culpa individual pondo a responsabilidade por seus malfeitos nas costas do Estado ou do *Führer*.

Todorov diz que, em relação ao silêncio, “até os mais sistemáticos esforços para apagar todos os traços fracassam: testemunhas abrem a boca, décadas mais tarde”<sup>100</sup>, surgindo, depois de “aberta a boca”, a necessidade de um segundo argumento, geralmente o “eu não sabia”, depois que o primeiro fracassa<sup>101</sup>.

Evitar saber, ou varrer para o esquecimento o que se sabia era uma estratégia que funcionava para driblar as consequências dos acontecimentos. Albert Speer, arquiteto-chefe do Terceiro Reich e, a partir de 1942, Ministro do Armamento no Gabinete de

<sup>99</sup> TODOROV, Tzvetan. *op.cit.*, p.148.

<sup>100</sup> *Idem, ibidem*, p. 152

<sup>101</sup> Apesar de ser listado como um primeiro argumento, podemos vê-lo mais como uma primeira defesa, já que se trata do silêncio.

Adolf Hitler, foi um dos julgados pelo tribunal de Nuremberg. Em suas memórias<sup>102</sup>, ele conta suas sucessivas recusas em levar em consideração as informações que o incomodavam:

Speer submete-se docilmente: escolhe ignorar a verdade de Auschwitz. Não sabendo, poderá continuar a ajudar o esforço de guerra alemão em absoluta tranqüilidade. Assim, conclui com razão: ‘A medida de meu isolamento, a intensidade de minhas escapatórias e o grau de minha ignorância era eu, ao fim e ao cabo, que as determinava’<sup>103</sup>

O terceiro argumento era utilizado pelos que não podiam fingir nem que as coisas tinham acontecido nem ignorar sua existência. Era mais fácil, então, dizer “eu obedecia a ordens”. Para Todorov “uma defesa como essa implica uma degradação de si mesmo, pior que o crime, pois declara a si mesmo como sub-humano. Além disso, do ponto de vista legal, obedecer ordens criminosas também é crime.”<sup>104</sup>

Mas o que era crime dentro do Estado totalitário? Como distinguir ordens criminosas? Estando como espectador é óbvio considerar isto ou aquilo como crime, ainda mais se temos essa distinção em lista. Mas para muitos alemães, a alegação é de que tudo era feito pela nação, e esse sentimento só pode ser entendido, segundo nosso entrevistado Werner, por quem viveu e sentiu o espírito da Alemanha daqueles anos<sup>105</sup>.

A fim de compreendermos melhor o que foi para alguns alemães o Holocausto, qual a memória que eles têm sobre esse período e qual sua posição frente aos julgamentos – principalmente se são eles mesmos os acusados – considere importante seguir, a partir daqui, dois tópicos. O primeiro trata dos julgamentos de Eichmann e de Nuremberg: o que foram, quem eram os réus e como foi cada julgamento; no segundo, falo da visão de um alemão “comum”, que também conserva memórias e sentimentos do Terceiro Reich.

É importante que se esteja atento aos tipos de sentimentos envolvidos na expressão de cada um. Os casos de rancor e de humilhação aparecem muitas vezes velados, apresentando-se, sobretudo, na defesa ou nas justificativas sobre os crimes. No último caso chamo a atenção para o ressentimento ligado à idéia de um forte nacionalismo.

---

<sup>102</sup> SPEER, Albert. *Por dentro do III Reich: a derrocata*. Rio de Janeiro: Artenova, 1971. 243 p.

<sup>103</sup> TODOROV, Tzvetan. *op.cit.*, p. 153.

<sup>104</sup> *Idem, ibidem*, p. 153.

<sup>105</sup> Esse espírito nacionalista aparece claramente na entrevista com o alemão Werner Naumburger e será tratado mais a frente, quando for falar do “alemão comum”.

## Homens ordinários

Hannah Arendt, em *Eichmann em Jerusalém*, nos fala da sutil diferença entre o julgamento de Nuremberg e o de Eichmann. Enquanto no julgamento de Nuremberg haviam sido julgados crimes de forma geral, no de Eichmann, em Jerusalém, o povo judeu estava fortemente em evidência. Ela nos mostra que o argumento central contra o julgamento de Eichmann era que “ele fora instaurado não a fim de satisfazer as exigências da justiça, mas para aplacar o desejo e talvez o direito de vingança das vítimas”<sup>106</sup>.

Vamos então ao nosso primeiro acusado. Adolf Otto Eichmann (antes Karl Adolf Eichmann) foi tenente-coronel da SS na Alemanha nazi. Ele foi largamente responsável pela logística do extermínio de milhões de pessoas durante o Holocausto, principalmente de judeus, na chamada “solução final”. Por ser o responsável pelo transporte de milhões de pessoas para os diversos campos de concentração, ele é também conhecido como “Executor Chefe” do Terceiro Reich.

Depois da Segunda Guerra, foi preso, mas conseguiu fugir para a Argentina, vivendo com o nome de Ricardo Klement. Anos mais tarde, conseguiu levar sua família para morar com ele. Em maio de 1960, no entanto, foi capturado por agentes do Serviço Secreto israelista. Seu julgamento teve início em Jerusalém, em fevereiro de 1961, sendo acusado por crimes contra a humanidade, crimes contra o povo judeu, e de pertencer a uma organização criminosa.

Hannah Arendt era, nesta época, repórter da revista *The New Yorker* e acompanhou o julgamento com dezenas de outros jornalistas, transformando seus relatos sobre o tribunal, posteriormente, no livro *Eichmann em Jerusalém*. Nesta obra vemos não só o relato do decorrer dos acontecimentos no julgamento durante todo o ano de 1961, mas também uma análise do réu Adolf Eichmann.

Me interessa aqui, sobretudo, desvendar os sentimentos ligados à memória deste sujeito e como ele se coloca diante dos crimes dos quais é acusado. Eichmann considera-se inocente das acusações a ele referidas, sendo culpado “somente diante de Deus”. Diz não ter nada contra judeus e exemplifica isto falando de algumas ajudas esparsas que concedeu a judeus conhecidos ou de alguma forma próximos a ele. Sua

---

<sup>106</sup> ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 283.

entrada para o partido parece acidental, sendo que suas razões para tal se baseavam nos “clichês envergonhados sobre o Tratado de Versalhes e o desemprego”<sup>107</sup>

Eichmann se considerava um idealista e, para ele, “um ‘idealista’ era um homem que vivia para a sua idéia – portanto não podia ser um homem de negócios – e que por esta idéia estaria disposto a sacrificar tudo e, principalmente, todos”<sup>108</sup>. Mas aos poucos fica claro que tudo que ele fala não passa de frases feitas, e que, repetidas insistentemente, logo se tornavam clichês.

Arendt considera que ele se utilizava desses tipos de frases para acreditar nas próprias coisas que dizia. Ela chama isso de auto-engano:

a prática do auto-engano tinha se tornado tão comum, quase um pré-requisito moral para a sobrevivência, que mesmo agora, dezoito anos depois do colapso do regime nazista, quando a maior parte do conteúdo específico de suas mentiras já foi esquecido, ainda é difícil às vezes não acreditar que a hipocrisia passou a ser parte integrante do caráter nacional alemão.<sup>109</sup>

Quando era incitado a usar a memória, Eichmann lembrava os momentos decisivos de sua carreira, por exemplo, de quando tinha jantado com tal general, ou quando tinha mudado de cargo, subindo de posição. Mas nenhum desses momentos coincidia com os momentos decisivos da história do extermínio dos judeus ou, como diz Arendt, com os momentos decisivos da história.

Quando questionado especificamente sobre a “solução final” – também chamada de “evacuação”, “tratamento especial”, “mudança de residência”, “trabalho no Leste”, “reassentamento”, em virtude das regras de linguagem – Eichmann se esquivava do peso de tal ordem ao dizer que “nunca havia pensando numa coisa dessas, numa solução por meio da violência. Agora eu perdia tudo, toda alegria no meu trabalho, toda iniciativa, todo o interesse; eu estava por assim dizer, arrasado”<sup>110</sup>. O que, no entanto, não o impediu de executá-la.

Arendt nos conta que os juízes chegaram a perguntar-lhe se a matança dos judeus tinha ido contra sua consciência. E era possível haver uma resposta legal a uma questão moral? Segundo relatos, a única situação que pesava na consciência de Eichmann era quando descumpria uma ordem. Sua consciência funcionava, sim, mas do

---

<sup>107</sup> *Idem, ibidem*, p.44.

<sup>108</sup> *Idem, ibidem*, p.54.

<sup>109</sup> *Idem, ibidem*, p. 65.

<sup>110</sup> *Idem, ibidem*, p. 99.

avesso. Nas palavras de Hannah Arendt “a consciência enquanto tal parecia ter se perdido na Alemanha”<sup>111</sup>.

A idéia da culpa pelos crimes se desfaz aos poucos, à medida que se encontra outro foco em que dedicar a atenção. O “pecado imperdoável” não seria matar, mas causar sofrimento, mesmo se o fim fosse o mesmo: extermínio. Se alguém do alto escalão nazi queria ser o autor desta ou daquela solução para o extermínio dos judeus, isso já causava alívio, pois mesmo que fosse o próprio Eichmann o encarregado por mandar os trens ao “matadouro”, a idéia não havia sido sua. Sem idéia, logo, sem culpa.

O problema é que onde todos ou quase todos são culpados, ao final, ninguém é culpado. Ou então, como era comum nos julgamentos de crimes de guerra, era costume atribuir o máximo de culpa possível àqueles que estavam ausentes ou presumivelmente mortos. Mesmo que este argumento não fosse de grande valia em um julgamento onde as cartas já haviam sido dadas.

Ao fim e ao cabo, Eichmann não trouxe a resposta que os juízes imaginavam encontrar: quem era Eichmann e por que cometera tais crimes. A condenação ao enforcamento já estava assinada, mas era difícil compreender a complexa figura humana. Segundo Arendt “o problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem perversos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais”<sup>112</sup>.

No caso do outro julgamento, ocorrido dezesseis anos antes, há um livro bastante interessante que conta a respeito dos alemães que lá foram julgados. O livro se chama *As entrevistas de Nuremberg: conversas de um psiquiatra com os réus e as testemunhas*, e nada mais é do que uma compilação de entrevistas e anotações, realizadas por um psicólogo chamado Gilbert, e um psiquiatra (e autor do livro) Leon Goldenson.

Dentre os acusados, escolhi trabalhar especificamente com dois deles: Hermann Göring e Rudolf Hoess, dando continuidade então à mesma análise utilizada com Eichmann. Uma diferença importante de ressaltar é que, tanto em Eichmann como neste livro, não se tratam de memórias escritas de próprio punho pelos alemães, mas análises feitas a partir de suas falas.

Quem foi, então, Hermann Göring e Rudolf Hoess? Ambos alemães que tiveram forte influência em seu país durante o período do Terceiro Reich. Göring foi

---

<sup>111</sup> *Idem, ibidem*, p. 119.

<sup>112</sup> *Idem, ibidem*, p.299.

membro do partido nazista, Marechal do Reich, comandante da Luftwaffe<sup>113</sup> e segundo homem mais importante depois de Adolf Hitler. Foi preso em maio de 1945 e levado para Nuremberg. Lá foi condenado a enforcamento por crimes contra a humanidade, crimes de guerra e crimes contra a paz. Ele, no entanto, suicidou-se na véspera de sua execução.

Rudolf Hoess<sup>114</sup>, por sua vez, era o terceiro na sucessão de hierarquia no Reich, mas foi perdendo prestígio aos poucos, assim que outras pessoas, como Goebbels e Himmler, surgiram em cena. Tenente-general da SS a partir de 1942, comandante do campo de concentração de Aushwitz de 1940 a 1943, foi preso pelos britânicos em 1946 e entregue à Polônia. Processado por um tribunal militar polonês, foi enforcado em Aushwitz em 7 de abril de 1947.

O julgamento de Nuremberg parece ter simbolizado para muitos uma justiça que chegou em boa hora, pois, tendo ocorrido logo após o fim da Segunda Guerra, os sentimentos de revolta por parte dos que mais sofreram com ela ainda estavam frescos e exalantes. E eles tinham encontrado, afinal, quem os vingasse, sem que fosse necessário sujar as próprias mãos.

Mas entre os sedentos por vingança não estavam somente os judeus, presos políticos e diversos tipos de pessoas que haviam sido deportadas de sua terra e enfrentado os horrores dos campos de concentração. Entre eles estavam também os soviéticos. Tendo estes também padecido nas mãos dos alemães, já vislumbravam para Nuremberg um julgamento espetacular, que finalmente superava os últimos obstáculos à sua realização.

Segundo Goldenson, o julgamento de Nuremberg havia sido concebido pelos soviéticos e executado pelos Aliados “para demonstrar a ‘medida da culpa’ de cada um dos acusados, após os quais eles receberiam ‘a punição necessária’”<sup>115</sup>. Um julgamento como este não poderia ter fim mais óbvio muito mesmo antes de acabar: escolhidos os réus, restava agora somente ler a sentença.

Hermann Göering, ao ser entrevistado, levanta uma idéia já comentada acima na entrevista de Werner. Mesmo dito em outras palavras, para Göering, este julgamento era

---

<sup>113</sup> Força Aérea Alemã

<sup>114</sup> Rudolf Hoess não foi réu em Nuremberg; foi testemunha. O livro de Goldenson se divide em duas partes, a primeira para os réus, a segunda para as testemunhas. Foi escolhido para o trecho dos julgados em Nuremberg por ter feito parte dos “homens ordinários”, sendo igualmente julgado e condenado, só que em outra ocasião.

<sup>115</sup> GOLDENSOHN, Leon. *As entrevistas de Nuremberg: conversas de um psiquiatra com os réus e as testemunhas* / Leon Goldenson; organização e introdução Robert Gellately; tradução Ivo Korytowski – São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 14.

ilegítimo, uma vez que considerava a França e a Rússia, assim como outros países, tão culpados quanto a Alemanha.

Desde o começo da entrevista, Göring se considera o único responsável dos atos oficiais do governo, mas não dos programas de extermínio. Com respeito a isto, disse estar muito ocupado para saber o que acontecia com os judeus. Apesar de se dizer contra as leis e políticas raciais *rígidas*<sup>116</sup>, argumenta que “os poderes políticos e econômicos são mais importantes que a propaganda racial”<sup>117</sup>.

Quando a questão é o povo judeu e seu destino no Terceiro Reich, Göring ou desvia-se da culpa dizendo apenas ter “ouvido dizer”, ou acha para tal um culpado. Ele já tinha ouvido muitas vezes que os alemães se ressentiam dos judeus porque estes tinham influências demais nos negócios, bem como nas artes. No entanto, diz ter sido Goebbels quem proibiu os compositores e dramaturgos judeus de produzirem, em 1935, e que essa proibição não fazia, a seu ver, o menor sentido.

Depois de Hoess admitir em tribunal ter exterminado homens, mulheres e crianças de todas as idades, Göring, chocado, relata:

Mal consigo acreditar naquilo – os números eram muito altos. Não consigo entender. Não consigo acreditar que Hitler soubesse daquilo [...] Claro que havia rumores na época, mas nunca acreditei neles. Pessoas como Hoess e Himmler e o pessoal subalterno da SS que cumpria essas ordens deviam ter conhecimento daquilo, mas mesmo assim não consigo compreender. Como eles puderam fazer tal coisa está além da minha compreensão<sup>118</sup>.

Tendo envolvido Hitler na história, sua posição parece de devoção e proteção. Quando questionado sobre qual teria sido o papel de Adolf Hitler nas atrocidades, dizia estar certo de que Hitler não sabia dos detalhes, que anteriormente Hitler não era nada cruel, e que é óbvio que tenha ficado assim nos últimos anos, quando a vida humana não valia muito aos seus olhos.<sup>119</sup>

E como tudo se justifica, ele acrescenta ainda a existência de dois “Hitlers”: o primeiro, existiu até o fim da guerra com a França, era afável e agradável, tinha força de vontade incrível e grande influência sobre as pessoas. O segundo surgiu com o começo da campanha russa; estava sempre desconfiado, aborrecia-se facilmente e vivia tenso, suspeitava de todos.

---

<sup>116</sup> Grifo meu. Em vários casos, a partir daqui, considere interessante grifar a palavra a fim de darmos devida atenção a ela na leitura, pois, para mim, são de especial importância.

<sup>117</sup> GOLDENSOHN, Leon. *op.cit.*, p. 147.

<sup>118</sup> *Idem, ibidem*, p. 155.

<sup>119</sup> *Idem, ibidem*, p. 154.

As (des)culpas escapavam para todos os lados. Göring chegou mesmo a dizer que os judeus tinham parte nisso, pois, mesmo antes de 1933, eles diziam mentiras, palavras indecentes e calúnias contra os alemães. Mesmo que isso fosse verdade, dificilmente seria levado em conta em um tribunal que não se interessava nos motivos, mas no resultado do ódio anti-semita.

A humilhação que sentia em estar ali é forte e evidente. É o caso do poder perdido, de sentir-se humilhado diante da revolta dos que estavam antes subordinados, sobre o qual falamos no capítulo uní. Nada melhor para exemplificar o sentimento de Göring do que suas próprias palavras:

Sou um prisioneiro com a vida em julgamento, *numa posição bem baixa em comparação com aquela que ocupei por tantos anos*<sup>120</sup>, e acho natural me sentir ocasionalmente deprimido. Veja bem, passo grande parte do tempo na fantasia. Por exemplo, quando as coisas ficam tediosas ou desagradáveis no tribunal (...) posso pensar nos momentos agradáveis que tive (...) estou certo que entrei para a história como um homem que fez muito pelo povo alemão (...) foi sempre em prol da gente comum que eu lutei!<sup>121</sup>.

O sentimento de ódio vem ao falar dos russos. Ele é enfático ao se dizer superior aos russos e ao chamá-los seguidas vezes de “russos malditos” e “povo primitivo”. Admite com orgulho que foi o primeiro criador dos campos de concentração para os comunistas, por odiar o comunismo. Ao que é bom aos seus olhos, ele se considera como participante, como mandante e/ou executor. Ao que é mau, por sua vez, ele desconhece e acredita que foi obra de um ou outro de quem aparenta ter inveja ou ciúmes<sup>122</sup>.

Göring se esforça ainda por manter a imagem do nazismo como uma e boa. Destaca a importância da fidelidade e acusa o fim do regime por causa da traição de pessoas a Hitler: “Este tribunal não percebe que acatar ordens é uma justificativa legítima para fazer quase tudo”<sup>123</sup>. Diz “quase tudo” porque não considera o assassinato de mulheres e crianças apropriado. E volta a falar que quase não acredita que isso tenha acontecido.

Um outro tipo de humilhação aparece ainda quando ele repete várias vezes que não entende o porquê de alguns serem julgados, pois estes não tinham importância

---

<sup>120</sup> Grifo meu.

<sup>121</sup> GOLDENSOHN, Leon. *op. cit.*, p. 167.

<sup>122</sup> Como é o caso de Himmler ou Goebbels, que eram, para Göring, supostos influenciadores das decisões atroz de Hitler.

<sup>123</sup> GOLDENSOHN, Leon. *op. cit.*, p. 173.

nenhuma dentro do partido, apenas cumpriam ordens. Enfatiza que ele era importante, que deu ordens e que ele, sim, deveria ser julgado. Esse tipo de sentimento de humilhação é quase pueril, por se sentir igual a alguém de menor importância dentro de um Estado onde ele tinha um elevado cargo, mesmo que agora as antigas posições hierárquicas não o diferenciavam de ninguém ali.

Já durante o testemunho de Rudolf Hoess, o foco é um pouco diferente, não se distinguindo, no entanto, na essência. Neste caso, temos declarações explícitas do que acontecia dentro dos campos, principalmente no de Auschwitz. Ele descreve com frieza e detalhes de como era o processo de extermínio e os processos de aperfeiçoamento até que se pudesse matar mais rápido mais gente.

Falava ainda das câmaras de gás, dos fornos crematórios, da separação entre mulheres e crianças de um lado e homens de outro, do desnudamento, dos prisioneiros encarregados de acalmar os que iam para as câmaras dizendo a respeito do banho, de como os corpos eram retirados, da ventilação das câmaras de gás, da cremação e da dificuldade de cremar a mesma quantidade de pessoas que morriam pelo gás.

Hoess conta que trabalhavam no campo cerca de 3.500 alemães. Como então era possível que ninguém soubesse o que se passava nos campos? Sua explicação é a de que nada saía nos jornais. Além de se usarem as mesmas equipes de trem para os transportes, e também o fato de que quase todos os que trabalhavam em Auschwitz deveriam prestar juramento de não falar a respeito disso. E os que ousavam falar, certamente morriam.

Quando perguntado se era justificável matar milhões de judeus entre mulheres e crianças, sua resposta se revela como a primeira de suas muitas desculpas: “Não se justifica – *mas*<sup>124</sup> Himmler me disse que, se os judeus não fossem exterminados àquela altura, o povo alemão seria exterminado para sempre pelos judeus”<sup>125</sup>. Neste ponto surge a culpa delegada a um ausente.

Depois, como se isso não fosse suficiente, Hoess tenta justificar os crimes que cometia fazendo a clara distinção do que seria o homicídio político e qualquer outro homicídio, parecendo que, uma vez político, era justificável: “Se você mata para pegar dinheiro ou roubar é homicídio comum, mas se você mata por razões políticas, é homicídio político.” Pergunta do psicólogo: “Você quer dizer que está certo matar oponentes políticos?”. Resposta de Hoess: “Não, apenas quero dizer que as emoções

---

<sup>124</sup> Grifo meu.

<sup>125</sup> GOLDENSOHN, Leon. *op.cit.*, p. 348.

que levam a tais coisas são diferentes, ou seja, as causas diferem.” Mas quando perguntado se ambos eram homicídios, a resposta é afirmativa<sup>126</sup>.

Ele considerava-se então culpado? Ou seria mais um que apenas cumpriu seu dever? Em suas palavras:

até a capitulação da Alemanha, eu acreditava que cumpria corretamente as ordens e agia de maneira certa. Mas após a capitulação, quando li os relatos dos jornais sobre os julgamentos etc., cheguei à conclusão de que a necessidade de extermínio dos judeus não correspondia ao que me disseram – agora sou culpado, como todos os demais, e tenho que assumir as conseqüências.<sup>127</sup>

“Qual seria então seu castigo?”, pergunta o psicólogo. Suas palavras se aproximam das de Eichmann quando diz que deve ser enforcado. Eichmann, no entanto, é ainda mais enfático: ele propunha ser enforcado como exemplo a todos os anti-semitas da Terra. Mas isso não significava nenhum arrependimento, pois “arrependimento é para criancinhas”(sic)<sup>128</sup>.

Mesmo assim, Hoess não se considerava um sádico, nunca havia batido em um prisioneiro e se descobria que algum guarda tratava um prisioneiro *mal demais*<sup>129</sup>, ele tentava trocá-lo por outro. Ele não era o culpado porque sempre tinha quem fizesse o serviço sujo para ele, além de não ser também o mandante e não ter assassinado ninguém: Hitler havia ordenado por intermédio de Himmler e Eichmann foi quem deu a ordem relativa aos transportes. Curiosamente todos os culpados não estavam presentes naquele mesmo tribunal.

A última declaração registrada de Hoess é a de quando lhe solicitam a descrição em detalhes sobre a existência de alguma dor ou desconforto sentido por ele. Ele, no entanto, só foi capaz de afirmar que estava doendo sob a pele. Seria este um sentimento puramente psicológico?

### **Um alemão comum**

Uma vez que já temos alguns relatos sobre os alemães da mais alta patente, considere de fundamental importância acrescentar ao final deste capítulo trechos da

---

<sup>126</sup> *Idem, ibidem*, p. 350.

<sup>127</sup> *Idem, ibidem*, p. 360.

<sup>128</sup> ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal*. op.cit., p. 36

<sup>129</sup> Grifo meu

memória de um alemão comum, que também passou pela experiência da Alemanha nazi, retendo consigo suas impressões e sentimentos.

Este alemão “comum”, como escolhi chamar, é Werner Naumburger, já citado anteriormente. A entrevista por ele concedida foi possível em razão de uma visita sua ao Brasil no início deste ano. Casado há algum tempo com uma brasileira, Werner não só visita o Brasil com certa frequência como também fala português muito bem, apesar de seu sotaque carregado.

Em suas lembranças, temos o relato de uma história muito factual, contada com uma riqueza de detalhes impressionante, tendo em vista sua idade já avançada. Ao decorrer da entrevista, no entanto, foi possível ouvir dele algumas impressões pessoais do que foi para ele o nazismo, principalmente ao tocar em pontos de eventos que aconteceram com pessoas muito próximas a ele, como vizinhos e familiares.

O entrevistado é natural de Stuttgart<sup>130</sup>, pertenceu à Força Aérea Alemã nos últimos anos de guerra, mas não chegou a entrar em combate propriamente dito. Durante serviço, foi capturado por canadenses e enviado à Inglaterra, onde permaneceu como prisioneiro de guerra.

Por ter estudado inglês ainda no colégio, logo tomou o papel de tradutor junto aos guardas da guarita do local onde ficavam alojados, uma vez que com ele se encontravam cerca de dez mil prisioneiros de guerra. Conta que era muito bem tratado. Exemplo disso era o fato de que serem transportados, quando preciso, em trens de primeira classe, muito diferente dos vagões de carga onde os soldados eram transportados na Alemanha.

Quando comecei a entrevista, Werner sentiu ser necessário contar-me toda a história da Primeira Guerra Mundial, a fim de que entendesse os rumos tomados pela Alemanha na Segunda Guerra. Quando fala do Tratado de Versalhes, enfatiza que tinha sido uma coisa muito injusta para a Alemanha:

Muitas restrições eram obrigadas para Alemanha, não tinham a direita de aviação, era proibido primeiro, e as forças eram limitadas. Alemanha tinha a direito, acho, 100 mil pessoas como as Forças Armadas. Não eram permitidos tanques e muitas outras coisas permitidos, e Alemanha precisava pagar uma indenização imenso para as aliados [...] era um clima de dentro de Alemanha, da povo que eles pensaram: “Nós eram tratados não justo e com este existe um clima de fazer uma, vocês falam de “*revenge*”(sic).

---

<sup>130</sup> Stuttgart fica ao sul da Alemanha, perto da fronteira com a França

A partir de então ele usa argumentos que enfatizam o forte espírito nacionalista alemão, tendo como consequência disso a ascensão do partido nazista ao poder e o início da Segunda Guerra Mundial. Para ele, é por meio deste sentimento de revanche que se explica como um homem como Hitler conseguiu receber ajuda da população. Ele diz ainda que “muitas idéias deles não eram totalmente errados”(sic). A Alemanha passava naquela época por muitas dificuldades. A taxa de desemprego era altíssima, o governo era fraco e as pessoas estavam insatisfeitas com isso. Werner diz que Hitler tinha ministros muito bons, muito competentes e que “com este, resultados de combater a desemprego tinha resultados e depois uns anos, praticamente não existia mais desemprego, e com este naturalmente, a população era satisfeito com um tipo deste governo”.(sic)

Ele ainda diz:

Você precisa entender que o povo em “*general*” pensava: “Nós não pode continuar com uma situação deste”. Este é uma das coisas atrás porque Hitler entrava, não precisava especialmente ser Hitler, pode ser uma outra pessoa também, de terminar com este situação. (sic)

Mas para ele era claro que existiam crimes dentro da Alemanha, sendo o primeiro deles o massacre de todos os que eram contra o partido nazista:

[...] um antigo Chanceler da Alemanha incluído em este pessoal que eles mataram. E mataram também pessoas importantes de igrejas, mataram praticamente muitas pessoas que eram contra deles, não importa do que lado eles eram, de direita ou de esquerda, não importava. (sic)

Ele ainda diz saber de discriminação contra judeus, ciganos e da morte de doentes mentais, mas que nenhum desses crimes se podem justificar.

Com relação aos argumentos utilizados mais acima, pergunto se ele considera legítimo, como desculpa, dizer que as atrocidades cometidas eram executadas porque se recebiam ordens. Para ele “você não pode desculpar uma crime, as acordos de leis existiram lá em Alemanha, você não pode desculpar um crime você faz, você recebeu um ordem de um crime.” (sic)

Mas assim como, para ele, esses crimes não eram justificados pelo apoio nas leis do país durante o Terceiro Reich, também não considerava justos os julgamentos executados após o fim da guerra:

[...] com estes eles não eram em favor realmente da julgamento como acontecer na Nuremberg, porque as julgamentos não eram totalmente justos.

porque a problema é que acontecer crimes na outro lado também, e ninguém faz um julgamento destes crime. (sic)

A justiça neste caso não se baseia em inocentar alemães, mas também não é o caso de julgá-los com a sentença já pronta, como parece ter acontecido em Nuremberg e em Jerusalém, no julgamento de Eichmann. O que Werner aponta é que, se deve haver julgamento, todos os envolvidos na guerra devem ser julgados, tanto alemães quanto aliados.

Hannah Arendt fala sobre isso em seu livro *Eichmann em Jerusalém*. Como estabelecer quem serão os juízes, os promotores e os advogados? Baseado em que se definiu o que era crime de guerra e o que não era? E como dizer que matar judeus é um crime e jogar uma bomba atômica, por exemplo, não é? Essa reflexão é muito conveniente a esta altura, levando-nos a pensar na legitimidade do julgamento e até a que ponto se procura realmente por justiça.

A nossa conversa muda um pouco de rumo quando pergunto a respeito dos campos de concentração. Minha dúvida é sobre a ciência do povo alemão e mesmo a dele, sobre esse acontecimento. Ele me diz não só da ausência geral de informações a esse respeito como também do silêncio dos que de lá retornavam:

Nós sabemos que as campos de concentração existem, este nós sabemos, mas o que aconteceu lá você não pode imaginar e você não pode saber normalmente... Nós tínhamos uma tia em Stuttgart, a vizinho dela em 33 era um alvo (...) ele entravam na campo de concentração, mas eles eram depois eles eram liberados, eles eram obrigados, não de falar da experiência deles, e com este nós não sabemos, era difícil também, eu encontrava na tempo de prisioneiro na Inglaterra um soldado de nós que era um tempo na um campo de concentração, e depois da guerra é mais fácil de falar deste experiência, mas por ele era muito difícil de falar deste tempo. (sic)

Ele conta ainda de uma experiência particular de quando soube pela primeira vez que alguma coisa estava errada: era o ano de 1945, e ele estava numa base aérea em Dresden. Em um passeio a pé com seus companheiros, Werner diz ter encontrado algo muito estranho:

Era uma coluna das pessoas andavam de pé e soldados muito velhos no lado deles [...] crianças, mulheres, todo mundo misturados, em uma não uniforme realmente, mas uma tipo de vestido estranho, não uniforme, depois nós sabemos que era uniforme do campo de concentração, em este tempo nós não sabemos, uma coisa muito estranho naturalmente. E nós perguntamos por este guardas: "que é este?", "nós temos ordem de transportar esse massa de pessoas, são de campo de concentração". Naturalmente esses soldados velhos não sabiam nada de crime ou porque eles eram lá, e: "nós temos ordem de

transportar estas pessoas para Bavária”, que era uma distância de 300, 400 quilômetros de andar de pé, e nós perguntamos lá: “mas como, como estas pessoas vão ser alimentadas, como eles vão receber água, como eles vão dormir?”, “nós não sabemos nada”, e com este era a primeira vez que nós encontramos uma coisa realmente criminosa, você não pode tratar pessoas desta maneira. Era em fevereiro 45. [silêncio] Naturalmente nós podemos fazer nada. (sic)

Esta frase: “nós não podemos fazer nada”, que na verdade significa “nós não podíamos fazer nada”, é repetida com certa frequência, quando ele não usava mais que “não sabia” ou “não conhecia” certa situação. Podemos ver com isso que, a seqüência dos chamados “argumentos” por Todorov usados como desculpas frente aos crimes cometidos no nazismo, se repete também aqui.

Haveria então uma ordem geral provinda também do Führer que, caso alguma coisa desse errado na Alemanha e esta caísse nas mãos de inimigos, as palavras brotadas das bocas alemãs não mais seriam *Heil, Hitler*, mas *eu não sabia, não conhecia* ou *apenas obedecia a ordens*? Por que há uma repetição desses chamados argumentos? E por que argumentar? Estaria nisso a defesa inconsciente de uma culpa?

Em outra situação, Werner também conta de pessoas de sua própria família que tinham sido mortas, mesmo que acidentalmente, por bombas jogadas sobre as cidades que não estavam envolvidas diretamente na guerra, como era o caso da sua cidade, Stuttgart. Não só pessoas morriam como também as construções onde as pessoas moravam eram destruídas, obrigando-as a mudar de lugar. Conta, inclusive, sobre um tio seu que morreu numa situação semelhante:

[...] na área onde eles moravam, aconteceu nada, ele era obrigado em esta área, se era alarme dos aviões de “*inspectar*” que aconteceu uma coisa, e alarme não se era terminado, aconteceu nada até este tempo, e ele saiu da casa dele e era na rua, e uma bomba caiu e mataram ele, e destruiu uns casas lá, a casa dele *parcialmente* era destruído também. (sic)

E ainda:

onde nós moramos, uma bomba caiu também, destruiu o prédio outro lado de rua, nosso prédio era *parcialmente* destruído, meus pais, era em outubro 44, nós não poder morar mais lá, nós mudamos muito perto de um outro prédio lá. (sic)

Mas de todos esses acontecimentos, principalmente os ligados diretamente à sua família, o que os tornam mais tocantes, Werner conta que não havia raiva ou qualquer tipo de rancor em relação aos aliados por terem ocasionado essas mortes. Para ele:

“você pensava ‘é um problema de guerra’, as pessoas individuais não são responsáveis [...] a pensamento é diferente, porque você pensa, você vai combater os outros também, todos têm parentes.”(sic)

Quando conversamos sobre as pessoas em geral e o que pensavam sobre a guerra, principalmente os soldados que estavam envolvidos diretamente com ela, Werner diz que “naturalmente ninguém gostava da idéia de guerra, este claro. Mas é uma parte muito longe de declarar ‘eu sou contra’. Declarar ser contra era um problema perigoso, naturalmente. Ninguém *expectava* você ser entusiasmada com a guerra” (sic).

E a respeito dos soldados, ele nos conta que, uma vez soldado,

você obedece às ordens, você não tem outra escolha, somente acordo das leis dentro da Alemanha, já em este tempo como uma exceção, você não precisa fazer um ordem se contrário a ele. Se um soldado ordem você: “você vai matar este pessoa”, você não precisa obedecer. (sic).

Esta última questão que Werner levanta nos leva a ficar em dúvida: se não precisavam realmente obedecer, o que os levava a cometer crimes como os conhecidos na Alemanha nazi?

Em relação a seu próprio sentimento sobre a guerra, as mortes, os judeus, os campos de concentração e todas as outras coisas que aconteciam dentro e fora da Alemanha, pareceu que o sentimento alimentado durante anos foi o de uma insatisfação ou até mesmo podemos falar de um rancor com relação às pessoas que insistem em falar que eles sabiam, que são culpados como um todo, como uma nação.

Ele falou praticamente em todos os inícios de respostas às minhas perguntas a frase “você precisa entender”, e quando eu insisti em saber até que ponto ele sabia das coisas que aconteciam, pareceu-me claro não só nos exemplos que dava, mas no seu tom de voz e expressão facial que o que eu precisava entender é que o nazismo funcionou de tal forma que as pessoas que a ele se juntaram não eram sádicas ou loucas, mas que a elas só chegavam as informações de que a Alemanha estava progredindo, que estava bem e que provavelmente ganharia a guerra, e isso já era motivo suficiente para lutar e obedecer aos comandos dos nazistas.

A exemplo disso, ele fala do porquê de as pessoas se aliarem ao partido nazista:

Porque eles pensaram que é bom para país. Era um idealismo, e todos deles praticamente... não importa que força eles entraram, todos deles têm a mesma coisa, pensavam “é bom para o país”, de prevenir uma coisa pior ainda [risos]. (sic)

E o povo em geral? Werner diz que

a governo de Hitler explicaram, era um tempo de necessidade de fazer uma coisa rápido de prevenir... uma situação de sítio, acho você fala aqui, mas não era realmente... mas ele falava deste, o povo *acceptava*. (*sic*)

Seu ressentimento pareceu estar aliado, sobretudo, a isso: em carregar uma culpa junto com toda a nação alemã de uma coisa que não era devida ele ou a qualquer um que fosse um alemão “comum”. Ele reconhecia que, uma vez revelados os crimes de guerra, aquilo tudo que aconteceu não era certo, mas não se deveriam nomear responsáveis no meio de uma massa de pessoas que, de certa forma, também sofreram com a guerra.

Para encerrar a entrevista, Werner Naumburger me conta o que aprendeu de tudo isso, de todos os acontecimentos da guerra, mas não comenta a lição tirada do nazismo em si:

Uma das resultados deste guerra é a mudança de pensamento de todos os povos praticamente da Europa porque agora nós sabemos, “nós não podemos continuar nos mesmo maneira que antes, todos sabemos este, nós precisamos cooperar” e a resultado é a unificação da Europa. (*sic*)

Todavia, o aprendizado não depende tanto de palavras, mas de ação. Nenhum outro povo ou nação, depois de 1945, passou por um acontecimento de tamanha relevância em termos de desumanidade ou mesmo apresentou um movimento tão forte como o nazismo, encarnado na figura de um líder supremo.

O importante é aprendermos que a história se constrói de múltiplas memórias, que nunca são cruas como os acontecimentos em si, mas são carregadas de afetos e sensibilidades positivos e negativos, que acabam levando os sujeitos da história a contá-la da forma que melhor lhes apraz. Cabe a nós, leitores, curiosos e historiadores, conhecer de forma lúcida a história.

## Considerações finais

Creio que chegamos agora a um ponto em que já temos a visualização de duas perspectivas históricas reproduzidas através das memórias de dois grupos de pessoas que viveram o mesmo período histórico, porém de lados diferentes de uma mesma linha. Dentro da história da Alemanha, durante o período da Segunda Guerra Mundial, pudemos observar a condução do destino histórico do povo judeu através da aprovação ou mesmo da execução de ordens de alemães para alemães.

A sobrevivência permitiu que alguns judeus relatassem mais a fundo suas experiências nos campos de concentração, principalmente quando já se falava em uma “Solução Final” para os milhões de judeus. Como vimos, esses relatos permitem-nos analisar a maneira como a memória foi construída, através do privilégio de algumas cenas em detrimento de outras. Os motivos da seleção de certas lembranças e do esquecimento de outras está ligado, muitas vezes, ao plano pessoal.

O que nos parece então é que a reconstrução do passado se dá, em alguns casos, de forma muito egoísta, pois escolhe manter para si uma memória confortável dos fatos. A memória em prol da história é um trabalho além das forças dos personagens que viveram os acontecimentos, é uma entrega muito grande de si mesmo que exige, por vezes, uma auto-anulação ou um fim de si mesmo.

Frente a isso, muitos dos que não conseguem se defender com mentiras de “boa fé”<sup>131</sup>, não suportam que a verdade seja exposta e liquidam com a memória da verdade por meio da própria morte. Essa questão do suicídio ocorrido depois de anos do fim do Nazismo não é uma questão explicável em si. Muitos vêem uma estreita ligação disso com a culpa em ter sobrevivido, muitos dizem que o sentimento predominante que leva a tal ato é um ressentimento levado ao extremo.

De qualquer forma, vemos que o suicídio é um ponto de aproximação entre judeus e alemães do pós-guerra. No caso alemão, muitas vezes a culpa é o alicerce, as lembranças são os tijolos e o ressentimento é o cimento, construindo em torno do indivíduo um edifício de uma memória insuportável, capaz de levá-lo a qualquer movimento.

Por vezes a humilhação é o sentimento predominante: a antiga posição de privilégio desaparece, o conforto se reduz a uma cela, e o fim, antes imaginado glorioso,

---

<sup>131</sup> Vide página 24 e 25 em: LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes – Os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. São Paulo: Paz e Terra, 2ª ed. 2004.

se reduz a anos de encarceramento ou a uma sentença de morte. Neste último caso, o extermínio pode ser a última gota de humilhação, e a escolha em tirar a própria vida chega a parecer mesmo uma salvação.

Mas e dos que ainda vivem? Como lidar com a memória e com os sentimentos advindos dela? O alemão Bert Hellinger<sup>132</sup> sugere que esses tipos de acontecimentos dramáticos devem ser esquecidos, mas não de forma banal. Seu “esquecer” refere-se a acolher no coração o que aconteceu, de forma que, uma vez que aquilo tomou lugar no ser da pessoa, ela não mais será lembrada de forma rancorosa, e talvez por isso, não será mais lembrada de nenhuma forma.

A idéia de Hellinger está muito próxima, a meu ver, do que Todorov descreve a respeito da memória exemplar. Utilizada para compreender situações novas, dela tira-se um ensinamento e não se preserva os sentimentos do momento do acontecimento, nem tão pouco se permite um remoer dos mesmos. E não se trata de uma memória encontrada apenas em livros de ficção ou em definições.

Um exemplo do que digo a respeito do uso da memória exemplar, encontra-se no livro *Paisagens da Memória*<sup>133</sup>, de Ruth Klüger. Ela, como uma criança judia morando em Viena, consegue descrever nesta autobiografia os acontecimentos de sua época: desde a Anexação, passando pela experiência de diversos campos de concentração, até a liberdade. Klüger nos mostra que a história pode ser escrita através das memórias de um sobrevivente do Holocausto, mas sem drama. Um relato ao mesmo tempo pesado, mas cheio de poesia, carregado de uma superação, de um aprendizado.

A memória literal, por sua vez, é claramente exposta nos livros de Levi, principalmente ao passar dos anos, pois durante os mesmos, ele teve a oportunidade de (re)sentir quantas vezes possível: quando lembrava, quando escrevia, quando seus livros eram traduzidos. É um tipo de literatura visivelmente tocante, mas claramente seletiva, o que nos leva a pensar em até que ponto estamos sendo conduzidos na história, e até que ponto é a memória que nos conduz em partes dela.

No mais, uma vez exposta a ambivalência da memória na história, resta-nos, como também sujeitos da história, não mais separar os lados, e muito menos tomar parte

---

<sup>132</sup> Bert Hellinger é um alemão nascido em 1925, estudioso de filosofia, teologia e pedagogia, seguiu a vida religiosa como missionário na África do Sul. No início dos anos 70 deixou a ordem religiosa católica dedicando-se então à psicoterapia. Em seu livro *Um lugar para os excluídos*, Hellinger dedica trechos de um capítulo para falar da ligação entre perpetradores e vítimas, tratando também de como lidar com a memória dos que sobreviveram à Alemanha Nazi. HELLINGER, Bert. *Um lugar para os excluídos*. São Paulo: Atman, 160p.

<sup>133</sup> KLÜGER, Ruth. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*. São Paulo: Ed.34, 2005, 256p.

de algum deles. Conhecer as diversas faces da memória é importante para conhecermos a história em si, mesmo que não seja a (impossível) verdade pura que procuremos nela.

## Referências Bibliográficas

- ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (Res)sentimento – Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p.15-36
- ARENDDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 562p.
- \_\_\_\_\_. *Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p.283
- BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). Apresentação. Op.Cit. p.9-13.
- FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Philippe (org.) *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999, p.103-117
- GOLDENSOHN, Leon. *As entrevistas de Nuremberg : conversas de um psiquiatra com os réus e as testemunhas / Leon Goldensohn; organização e introdução Robert Gellately; tradução Ivo Korytowski – São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 547p.*
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Artes da memória, fontes orais e relato histórico. In: *Revista História & Perspectivas*, Uberlândia (23), Jul/Dez 2000. p.99-114
- KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, 247p.
- HELLINGER, Bert. *Um lugar para os excluídos*. São Paulo: Atman, 160p.
- KLÜGER, Ruth. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*. São Paulo: Ed.34. 2005. 256p.
- KONSTAN, David. Ressentimento—Historia e uma emoção. Op.cit p. 59-81
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988 175p.
- \_\_\_\_\_. *Os afogados e os sobreviventes- Os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. São Paulo: Paz e Terra, 2ª ed. 2004. 175p.
- ORTIZ, Renato. Memória e sociedade: os anos 40 e 50. In: *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Ed. Brasiliense 2ª ed.1989. p.38-110
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Revista Estudos Históricos, Tema: Memória*. Rio de Janeiro, no 3, vol.2, 1989. p.3-15
- SANTIAGO, Silviano: Borrão. In: *Historias mal contadas: contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 37-47
- SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. Op. Cit.

----- Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico, In: Gutierrez, H.; Naxara, M.; Lopes, M.<sup>a</sup> S., *Fronterias, paisagens, personagens, identidades*. São Paulo: Olho d'Água, 2003, p. 161-184

SPEER, Albert. *Por dentro do III Reich: a derrocata*. Rio de Janeiro: Artenova, 1971. 243p.

TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo*. Campinas: Papyrus, 1995. 335 p.

WALTY, Ivete Lara Camargos. De metáforas e metonímias. In: *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. Org. WALTY, Ivete Lara Camargos, FONSECA, Maria Nazareth Soares, CURY, Maria Zilda Ferreira. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.51-59

### **Outras fontes**

<http://www.priberam.pt> - Acesso em 08/09/2008

Levítico 19:28. Texto encontrado na Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2<sup>a</sup> ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, 1536 p.

## Anexos

**Entrevista realizada dia 13 de Março de 2008 em Ribeirão Preto.**

**Entrevistado: Werner Naumburger**

**Reinsburg str 134**

**70197 Stuttgart – Alemanha**

**Data de Nascimento: 1 Junho de 1926**

**Duração: 2h35m**

**Eu gostaria de saber do que o senhor sabe da história de antes de começar a guerra, como é que o partido nazista subiu ao poder...**

R: Não, você precisa começar antes, se você quer saber como era a evolução das coisas você precisa começar antes da Guerra Primeira, porque a Segunda Guerra *parcialmente* um resultado de erros de coisas da Guerra primeira (...)

**Mas a intenção dela, her main aim is to evaluate the relationship between your feelings and the (?)**

The problem is that Nazism somente can be understood if you know the effects of the First World War, because only the explanation of Nazismo is a part of the research of First World War, what came before, without knowing that you can't understand ...

**You can tell us what you know and I can ask things during the interview**

R: First World War started entre Sérvia e a império Áustro-Húngaro, porque o rei do trono desta império era assassinado dentro da império por um assassino que era da Sérvia. O império Áustro-Húngaro queria uma compensação por este assassinado e a Sérvia não concordou. E a Sérvia era aliada da Rússia, e Rússia era aliada da França, e França era aliada da Inglaterra. O império Áustro-Húngaro era aliado da Alemanha e um aliado da Itália também. E com estas alianças, todo mundo da Europa praticamente entrava em esta guerra, os outros países não tinham um interesse direto em esta guerra, mas em todos estes países, era um clima que era em favor de fazer uma guerra, e realmente toda esta guerra não era necessário, porque como começou era uma coisa relativamente pequena.

E no tempo de guerra, acho era 1916, a guerra começou em ano 14, em 16 a Itália troca as alianças, eles não entraram na guerra em favor do Império Áustro-Húngaro, eles fizeram primeiro (?) e depois entraram como aliados Inglaterra e França. E ano 17, os Estados Unidos entraram também em esta guerra, porque eles eram atacados, *parcial* atacado, de submarinos da Alemanha, e com estes eles entraram e Alemanha junto com Áustria-Hungria conseguiram de *conquer* a Rússia, a Rússia tinha a revolução primeira de Kerenski (?) e depois os bolchevistas entraram e eles fizeram um acordo com Alemanha e perderam muito território da antiga Rússia. Com isto, os países Nórdicos: a Finlândia, Estônia, Lituânia, Letônia... receberam a independência. A Polónia antes da Primeira Guerra não existia, muito antes sim, mas não em este tempo o território da Polónia era dividido entre a Rússia, o império Áustro-Húngaro e Alemanha. E Alemanha já em este tempo era a favor em um reinado, eles falavam em este tempo da Polónia. Era criado já no tempo de guerra, mas com outras fronteiras que eram atuais depois. Realmente a Polónia recebia a independência já no tempo de guerra. O Império Áustro-Húngaro e Alemanha não resistiram contra os aliados, em Novembro

de 1980 (?) eles não podiam resistir mais. Mas ainda eles eram com as forças deles dentro de França até Bélgica, porque eles invadiram a Bélgica em 1914, Bélgica e Luxemburgo eles invadiram. Mas a Supremo Comando da Alemanha, eles sabia, “nós não podíamos resistir mais” e eles pediram para o governo declarar “Nós não podemos resistir mais”.

O presidente dos Estados Unidos era Wilson em este tempo, ele declarava no tempo de guerra ainda que cada povo tem a direita de independência e de governo deles, não dizer que o governo de outros... na autarquia de governo praticamente, de eleger os governo deles, cada país ou cada povo praticamente. Com este doutrina, as pessoas lá na Europa pensaram “Nós vamos fazer um tratado de paz justo para todo mundo” (10’)

E este realmente não aconteceu. Especialmente a primeiro ministro da França, o nome (?) insistiram em coisas que não eram justos e com este a Império Áustria-Hungria era dividido totalmente e um parte deste território, especialmente de Hungria era parte de România, um parte era de Polônia e que era justo e um parte era depois Hungria, mas muito menor do que antes. Existia um novo estado que não existia antes, era Iugoslávia, era dominado especialmente da antigo Sérvia. A Áustria era muito menor do que antes e criado um novo estado que não existia antes, nada de tempos, era Tchecoslováquia, e este estado Tchecoslováquia já tinha uma problema muito sério porque as Islovacas não gostavam muito os Tchecos e as Islovacas eram minoria neste estado e eram dominados da Tchecos que eles não gostaram (risos). Era um problema de criar um estado deste tipo. Eram os tratados de... Tratados de Versailles e outro...são dois tratados envolvidos, Versailles especialmente para Alemanha. Eu vou lembrar o outro nome de uma cidade de... todo era em França. E com este, Alemanha perdeu muito território, porque a parte mais “*est*” da Alemanha se chama (*palavra em alemão*), era separado do resto de Alemanha, era um corredor que era Polônia, e uma cidade na fronteira (*palavra em alemão*) era separado também de ser uma cidade independente, um estado independente (risos). Uma loucura! Alemanha perder um território em norte para Dinamarca e perder muito território para Polônia e perder para França Alsácia e Lorena e perder para Bélgica uma parte onde são as cidades (*palavra em alemão*), ainda hoje são de Bélgica e a população fala alemão.

Muitas restrições eram obrigadas para Alemanha, não tinham a direita de aviação, era proibido primeiro, e as forças eram limitados, Alemanha tinha a direito, acho, 100 mil pessoas como as Forças Armados. Não eram permitidos tanques e muitas outras coisas permitidos, e Alemanha precisava pagar uma indenização imenso para as aliados. E as princípios de Wilson não eram importantes mais em estes tratados e a Wilson, na Estados Unidos, não tinha força dentro de Estados Unidos suficiente de criar um clima favorável por as idéias deles, era criado uma coisa similar de as Nações Unidas, se chama em Alemão: (*palavra em alemão*), como traduzir este...era uma tipo similar mas as estados ficavam fora, e o antigo União Soviética fica fora também, eles queriam entrar mas não eram permitidos porque todos estes Estados eram praticamentes “*hostail*” contra as União Soviética e com este era um clima de dentro de Alemanha, da povo que eles pensaram: “Nós eram tratados não justo e com este existe um clima de fazer uma, vocês falam de “*revenge*”...

## Revanche

Revanche, si... e com este você pode explicar porque como um homem como Hitler conseguiu de receber ajuda de muita da população e começando nos anos 20, muitas idéias deles não eram totalmente errados, e ele receber ajuda de um General importante que era Chefe de Supremo Comando, o nome dele é Ludendorff. Com ele, junto com

ele, ele tentava de fazer uma revolução em 23, começando em (*palavra em alemão*), mas eles não conseguiram porque a governo de Bavária entrar com força contra eles, e Hitler era prisioneiro depois e ficava por um ano de uma (?), dentro da Bavária combateram um de outro, e mataram um de outro...

### **Era normal entrar em combate?**

Não, era um tipo de guerra civil dentro de Alemanha antes de 33.

### **Quem tava no poder nesta época?**

Um governo que não pode governar praticamente, não tinha maioria

### **De Weimar?**

De Weimar sim, constituição de Weimar, o presidente governar como poder, mas não podia realmente. As Forças (?) tinham mais forças do que o policia.

### **Mas essa guerra civil era na cidade que acontecia?**

Aconteceram em todas as partes da Alemanha, as Forças existiram também em toda Alemanha, estes Forças diferentes.

### **Eles trocavam tiros dentro das cidades?**

Parcialmente sim, não todo dia naturalmente, mas aconteceu. As policia tentavam de governar as coisas que eles "*poderam*". As policia do governo existiam naturalmente. eles queriam de prevenir este, mas muitas vezes não conseguiram. Uma coisa terrível naturalmente (risos), a situação em "*general*", e com este você precisa entender que o povo em "*general*" pensava "Nós não pode continuar com uma situação deste". Este é uma das coisas atrás porque Hitler entrava, não precisava especialmente ser Hitler, pode ser uma outra pessoa também, de terminar com este situação. E em 34, as líderes deste SA que eram uma ligado de Partido de Hitler, eles "*quereram*", realmente eles "*quereram*" de ficar do lado de Forças Armados oficiais. Eles querem entrar na lugar deles praticamente. As Forças Armadas eram 100 mil e este exercito privado praticamente acho que tinha 2 ou 3 milhões, é uma coisa muito grande.

### **Eram todos do Partido essas pessoas?**

Não, uma coisa complicado, se você entrava em este SA, você não precisa ser membro de Partido de Nazista, não era necessário, não todos deles eram...

### **Era uma das oportunidades de emprego?**

Não era emprego, eles não ganharam.

### **Por que eles entraram?**

Porque eles pensaram que é bom para país. Era um idealismo, e todos deles praticamente... não importa que Força eles entraram, todos deles tem a mesmo coisa,

pensavam “é bom para o país”, de prevenir uma coisa pior ainda (risos). E estes líderes da SA eles pensaram de entrar no lugar das Forças Armadas. Muitos deles antigamente eram oficiais na Primeira Guerra Mundial das Forças Armadas realmente. E Hitler tinha agora opção, que fazer? Fica com as Forças Armadas oficiais, ou fica com este SA? E ele decidir de ficar com as Forças Armadas Oficiais e ordenava de prender todos as líderes importantes deste SA, e incluído outras pessoas que não eram em favor dele, eram talvez 200 pessoas que ele ordenava de matar eles. Sem justiça nada.

### **Isso quando Hitler já estava no poder?**

Sim, já estava em poder, ele entrava em 33, em 34 em Agosto acontecer este. E um crime imenso sem justiça nada, chama uma Força similar de SA, existe uma SS, que era originalmente somente de proteção de reuniões de Partido, de proteger contra estes outros, contra este (*palavra em alemão*) de proteger reuniões era tarefa deles originalmente. Este SS ganhava mais importância, e eles resolveram de por Hitler de matar outras pessoas. Era um antigo Chanceler da Alemanha incluído em este pessoal que eles mataram. E mataram também pessoas importantes de igrejas, mataram praticamente muitas pessoas que eram contra deles, não importa do que lado eles eram, de direita ou de esquerda, não importava (risos). E naturalmente em princípio este líderes de SA eram as mais importantes por ele de matar porque ele não queriam entrar no lugar das Forças Armadas normais, de prevenir este. Ele conseguiu de fazer este, mas este era o primeiro crime importante dentro da Alemanha, você não pode justificar.

### **A população sabia?**

Claro sabia, mas naturalmente a governo de Hitler explicaram, era um tempo de necessidade de fazer uma coisa rápido de prevenir... uma situação de sítio, acho você fala aqui, mas não era realmente... mas ele falava deste, o povo “*acceptava*”, eu era em este tempo nas férias em Berlim, tinha 8 anos em este tempo e já sabia uma coisa muito importante aconteceu, mas não sabia naturalmente que natureza e como importante a coisa era, mas sabia uma coisa “*dubiosa*” aconteceu. Já sabia este. E depois, Hitler conseguiu não somente este problema de desemprego, era um território de (?) entre Alemanha e França (40'12'), era econômico importante porque lá era minas de “*carbona*”, era sítio de indústria importante da ferro lá, e este território era mais ou menos “*nutro*” depois a Guerra primeiro, porque França não queria que era integrado mais na Alemanha. A população lá fala alemão, e era na fronteira de Lorena e este parte da Alemanha que se chama (*palavra em alemão*) agora. E em 35 a população tinha a possibilidade de decidir, eles querem ser integrados para a França, eles querem ficar independentes ou eles querem ser integrados para Alemanha, praticamente toda a população lá votava em favor da Alemanha, e como era decidido antes, todo mundo “*acceptava*” e este território era integrado para Alemanha, era um pensamento de povo, um resultado bom para Alemanha. Um tempo depois Hitler decidiu que as restrições com as Forças Armadas da Alemanha, ele não vai observar mais, e as Aliados praticamente “*acceptavam*”, e com este começava a re-armamento de Alemanha, e criaram uma Força Aérea que não existia antes e fizeram um acordo com Inglaterra para “*alaviar*” as restrições da Marinha da Alemanha.

### **Isso em que ano?**

Tudo em 35, e depois em 36... mas a decisão já era antes de Hitler, ele (?) esta possibilidade. Em 36 a Olimpíada era a sede de Olimpíada era Berlim, mas decidido antes de Hitler, ele era um agitado e um propagandista muito bom, ele sabia... "é uma oportunidade de fazer um impressão muito bom pro mundo todo", e ele usava este oportunidade. E um tio de mim, em este tempo era um emprego da administração da Alemanha de (*palavra em alemão*) e uns vezes ele era presente com Hitler, onde eram decidido essas coisas, que fazer com oportunidade deste Olimpíadas. E ele contava por mim que uns coisas a administração rejeitava de fazer propostas, porque eles pensam "estes propostas são caros demais para Alemanha". E no final eles falaram "existe este proposta também mas nós não podem, nós não são favoráveis porque são muito caros", mas Hitler decidiu, "nos vamos fazer estes, não importa quanto são os custos". E até hoje existe este estádio de Olimpíadas da Berlim, que é famoso até hoje, era uma decisão de Hitler, porque antes eles não pensavam, de fazer a proposta, e muito destes coisas propagandistas ele fiz, ele tinha (46'13'') idéias de pensar no futuro muito longo, eu tinha mesmo impressão deste tio, porque ele era uma das organizadores de Olimpíadas de Berlim, era chefe de administração que preparava a Olimpíadas. Uma outra coisa depois, no tempo de guerra. E este Olimpíadas era um sucesso enorme para a propaganda de Alemanha, todo mundo praticamente "aceptava" e eles tentavam também em este tempo de diminuir as discriminações contra os judeus em este tempo, de fazer propaganda. Uma "judea" era nativa de Alemanha, ela era um "esgrime", eu acho ela ganha a medalha não de ouro, mas da prata, na Olimpíada, era judeu. E normalmente as judeus não tinha a direito de entrar nas clubes de esportes, uma exceção, absolutamente (risos)...já propaganda. E as pessoas que visitaram a Alemanha era mais ou menos totalmente satisfeitos com as condições que eles vejam lá, mas parcialmente era uma fachada praticamente em este tempo. E depois Hitler tinha a problema de favorecer mais coisas dentro da Alemanha e ele conseguiu de entrar na Áustria, e Áustria tinha muitos nazistas em este tempo já, e você precisa saber também que austríacos, depois a Guerra Primeiro, já tinham as tendência de juntar com Alemanha, e em este tempo as Aliados proibiram este acordo entre as dois países, eles proibiram. E com este é natural que as austríacos, com a maioria muito grande, eram em favor de juntar com a Alemanha em 38, realmente era uma invasão, mas as alemães dentro da Alemanha eram em favor também, era uma tipo de eleição com uma maioria, mais de 90% eram em favor, você não pode "expectar" outro resultado com um problema deste naturalmente. E no mesmo ano, Hitler conseguir uma outra coisa, a antigo Tchecoslováquia tinha muitos descendentes de alemães dentro de Estado, este especialmente nas fronteiras lado dos Thecos, eram mais de 3 e meia milhões de alemães que eram sentados lá, e este era um tratado de Munich entre Alemanha e Itália de um lado, a Itália era aliado da Alemanha neste tempo já, e no outro lado era França e Inglaterra. Eles decidiram que este parte da antiga Tchecoslováquia vai ceder para a Alemanha, um sucesso de novo de Hitler, sem fazer guerra. E com este a coisa era de novo em favor de Hitler praticamente, de Nazistas. Em 39, em março acho era, ele não era satisfeito mais com a situação da Tchecoslováquia, e ele praticamente invadiu a Tchecoslováquia e separou a parte das Tchecos Eslováquia era este tempo um Estado independente mas aliado da Alemanha, porque era fundado praticamente de Alemanha e a parte de Tchecos era um protetorado da Alemanha, se chama (*palavra em alemão*). E este já era contra a tratado ele assinava na Munich, um ano antes, e já era uma afronto muito sério contra França e Inglaterra. E o próximo passo era a problema de Polônia, agora eu precisa voltar para a tempo de Primeiro Guerra. A Polônia criado praticamente da Alemanha, tinha fronteiras totalmente diferentes do que hoje ou antes de Segundo Guerra, as aliados decidiram de fazer um acordo(?) na Mar Báltico em favor de Polônia

e criaram este cidade independente de (*palavra em alemão*) e na fronteira com a União Soviética era uma coisa indefinido praticamente. E existia nos anos acho 20, um guerra entre as poloneses e a União Soviética que não era estabilizado ainda em este tempo, e as poloneses invadiram a antiga União Soviética e anexaram um território muito grande na União Soviética, que hoje é parcialmente Ucrânia e Bielo-Rússia, mais norte agora de Ucrânia, e eles anexaram um parte muito grande. Este território era "*parcialmente*" lá eram poloneses e não russos, mas bielo-russos, uma mistura de população, não sei era maioria poloneses ou não, mas muitos poloneses moraram lá realmente em este parte. E Polônia existia até 39 em este fronteira e 39 a Guerra começava com a problema deste corredor entre a parte, nos chamamos (*palavra em alemão*) o território da hoje *Kaliningrado*, antigamente se chama (*palavra em alemão*) e o resto de Alemanha. As alemãs queriam fazer um corredor internacional de ligar as dois partes da Alemanha e a Polônia não queria, uma coisa "*dubioso*", e as poloneses fizeram um acordo com as franceses e Inglaterra que as dois (56'52'') países garantiram as fronteiras de Polônia, que era uma coisa "*dubioso*" também naturalmente e Hitler fiz um acordo com Stalin, ditador de antiga União Soviética, que se ele vai invadir Polônia, a União Soviética vai invadir também, e realmente aconteceu. As poloneses resistiram não lembro exato, talvez 3 ou 6 semanas, uma guerra muito curto, não podiam resistir praticamente e a União Soviética invadiram este parte de Polônia que antigamente pertence da Ucrânia e Bielo-Rússia, que as dois em este tempo era incorporado de antiga União Soviética. Eles praticamente reconquista a território deles que antigamente pertence deles. A resultado era que as poloneses que moravam lá era exilados, eles eram forçados de deixar o país e eles entraram na outro território da Polônia e na tempo de guerra não sei que você sabe como este tipo de guerra aconteceu, eu precisa falar deste ou não?

### **Pode falar.**

Pode falar. Em 39 as aliados França e Inglaterra declaram Guerra para Alemanha, mas eles fizeram nada de ajudar Polônia, não tinha possibilidade praticamente de fazer uma coisa. E no mesmo tempo, em ano 39 também... em 39 era um guerra dentro de União Soviética e Finlândia, não sei quem começar com este guerra, mas resultado era que a Finlândia deixar um parte de território deles para a União Soviética e depois a guerra terminava lá, em este tempo, mas é importante o que acontecia depois. Na ano 40, a Alemanha invadir Dinamarca e Novésia (?), importante era de segurar a fluxo de (?) de minas da Suécia, ligada uma estada de ferro importante como Porto de Narvick(?), em Norte da Novésia(?), e Alemanha precisa deste fluxo de minério para produção da ferro. E com este Alemanha invadiu Dinamarca que não resistia, não era guerra lá, administração de Dinamarca ficava intacto como era, somente as Forças da Alemanha ficava lá, "*fazeram*" nada . E na Novésia(?) eles resistiram (1h02min) e lá era um pouco de guerra, muito curto, somente na este porto de Narvick(?) que era coisa importante a Inglaterra e França fizeram uma expedição lá de defender juntos com as novésias(?) este porto, este linha de estrada de ferro, mas não conseguiram e na final, depois uns semanas, eles tiraram as Forças, mas no mesmo tempo, em Maio ano 40, Alemanha invadiu a França, Bélgica, Luxemburgo e Holanda e dentro de um curto tempo eles conseguiram de invadir tudo a território de Luxemburgo, Bélgica e Holanda e eles invadiram a norte de França também, perto de Inglaterra e lá as Forças de Inglaterra, eram mais ou menos 300 mil pessoas lá, eram praticamente... ficavam lá, mas as alemãs não invadiram este território não sei porquê, e as soldados de Inglaterra conseguiram de escapar para a Inglaterra. Era em Maio, Julho.. e depois este, a Alemanha invadiram o resto de França e depois, seis semanas mais ou menos, toda a

França *capitulava*. E lá eles estabilizaram um “*governor*” com um marechal (?) que era mais ou menos em favor da Alemanha, não é absolutamente e parte de França era não invadida, mas era ocupado das Forças da Alemanha, todas as costas da Atlântico e a fronteira na frente da Inglaterra, todo este parte era ocupados das Forças da Alemanha o resto de França era livre da ocupação de Alemanha em este tempo, 40, e este governo era “*libre*” dentro deste território mas eles governaram todo a França, porque a “*governor*” civil as “*alemanhas*” não querem saber em este tempo. E em 41, agora guerra praticamente terminava mais ou menos na Europa mais ou menos, e Hitler tentava de invadir Inglaterra, mas a Força Área da Alemanha não conseguir de combater realmente com sucesso as Forças Aéreas da Inglaterra, as aviões nós tínhamos não eram suficiente de fazer as distâncias necessário de combater com efeito a Inglaterra. Nós não eram preparado com um guerra contra a Inglaterra porque Hitler pensava antes, todo o tempo, nós precisamos prevenir um guerra contra Inglaterra, ele não queria, muitos tempos ele tentava de ser um aliado de Inglaterra mas não conseguir, não conseguiu, porque as ingleses não eram em favor deste tipo de favor de governo como Hitler era, e naturalmente a problema de judeus era envolvido também em este problema, mas em este tempos, as judeus eram discriminados mas não exterminados em este tempo.

### Em 41?

Em 40... em 41 já era diferente, não há judeus dentro da Alemanha, mas em 41 começar as problemas realmente. E em 41 era um problema nas “*balcanos*”, porque a Itália anexava em 40 eu acho Albânia, que era um Estado independente antes e de lá Itália invadir a Grécia, sem... Alemanha era fora deste problema, e Alemanha era aliado em este tempo da Hungria e da România e... não precisa voltar um pouco de 40, uma explicava já: um resultado da Primeiro Guerra Mundial eram as fronteiras de Hungria que eram muito reduzidos do que antes e uma das Estados que ganhava muito da Hungria era România, e agora as dois Estados eram aliados da Alemanha e da Itália, e lá eles fizeram um acordo, que as Aliados, as quatro, vão decidir novos fronteiras entre a Rússia e a România, acordo como a população lá é, dentro desses dois Estados (1h10'39'). E com este resultado era que um parte grande da Romênia era recebido de Hungria porque a maioria da população que morava lá era “*hungrias*”. E praticamente era restituído para Hungria este parte, e as românias “*acceptavam*” este porque era mais justo do que antes, e as dois, a Alemanha e Itália, não tinha um interesse em área, em ser em favor de um ou de outro, eram neutros com este decisão. E agora Iugoslávia, em Abril acho.. sim Abril.. em Abril 41 a Iugoslávia entrava em acordo com as Aliados europeus de Itália, Alemanha Hungria, România, e no lado deles, não de entrar na guerra, mas entrava em favor deles. Resultado era que dentro da Iugoslávia acontecer uma revolução contra a decisão de governo lá, e com este eles “*quereram*” não ficar na lado de Alemanha e Itália, resultado era que Itália e Alemanha invadiram Iugoslávia, e era um guerra não muito longo, acho era máximo 6 semanas. E com este a Bulgária estava também do lado da Alemanha, e com este as Forças de Alemanha entravam na Iugoslávia, entravam na sul, eles entravam em todos os lados possíveis praticamente e Iugoslávia não era uma problema muito longo e eles agora, as forças de Alemanha entravam em guerra contra a Grécia também, de ajudar as italianos porque gregos tinham mais sucessos contra as italianos, as italianos não conquistaram as gregos, as gregos eram fortes demais para eles. E somente com a ajuda da Alemanha, as gregos não resistiram mais, mas Hitler era muito “*impressado*” das Forças da gregos, ele decidir, depois as gregos eram conquistados, “*Nós não queremos prisioneiros*” dos gregos, eles combateram muito bom todos são liberados” .E com este a população da

Grécia não era em favor da Alemanha realmente, mas eles “*aceptavam*” uma *questo*(?) muito bom da Alemanha e .. Mas a resultado importante deste problema de Iugoslávia era que a pensamento da Alemanha de fazer guerra contra União Soviética, eles perderam muito tempo no ano 41, a guerra contra a União Soviética era planejado de começar muito antes e não podia começar porque primeiro a problema da Iugoslávia precisa ser resolvido. E com este a guerra 41 começando em julho era tarde demais já, resultado era que na 41 as Forças da Alemanha não “*conquestaram*” suficiente até Moscou da território de União Soviético, eles pensaram, já em 41, a resultado vai ser a colapso da União Soviética que não aconteceu. E em princípio era a mudança importante que a Alemanha vai perder a guerra, porque depois, em 41, as japoneses atacaram Pearl Harbor, e com este as Estados entravam na guerra e Alemanha e Itália decidiram de declarar guerra contra Estado Unidos que era em este tempo você não podia prevenir, porque as Estados Unidos todo tempo ajudaram os Ingleses e a União Soviético também, já em este tempo. E sem este ajuda e as dois não podiam resistir suficiente contra as alemãs, as Estados Unidos eram a decisão praticamente. Com este a guerra continua na Europa até 45, as italianos e as alemãs eram menos e menos tinham sucesso, resultado era invasão total da Europa nas dois lados, das Russos e a invasão da França em 44, resultado era invasão da Alemanha até a final de 45. E praticamente a nazismo morreu, mas até hoje uns idéias existir, e até hoje em muitos países existe um tipo de nazismo, em Alemanha também, mas era não são nazistas como antes, mas eles pensaram em “*parcialmente*” em coisas que as nazistas pensaram, e vocês tem estes coisas na França (?) você tem na Alemanha, não tem no nível nacional realmente em Alemanha, mas tem pessoas que pensaram especialmente atacar estrangeiros, especialmente pretos são alvos deles, mas outros idéias que Hitler tinha, eram “*aceptado*” praticamente de todo mundo hoje. (1h20'02'') Um exemplo era primeiro que decidir tirar a base de monetário do ouro, a base monetário ele pensava, as ajudantes dele naturalmente, não era sozinho ele, mas no final ele decidiu, a base hoje também aqui é mesmo coisa, a base monetária é a produção de todos as bens que um país vai produzir à contrabalança da moedas. E todo mundo “*aceptado*” hoje. Antigamente era baseado em ouro, quando ouro um país tinha, uma idéia não realmente bom, uma das coisas. Outro coisa são este estradas, eram planejados em Alemanha já antes de Hitler, mas por ninguém era possível de fazer a decisão é começar de fazer, ele começar de fazer esses auto-estadas com dois pistas ou três pistas, depende de situação, em praticamente todo Alemanha ligava de todas as cidades importantes. E agora hoje você muitas vezes você, similar de aqui, você tem dois coisas paralelos, como Anhanguera, Bandeirantes, você tem a mesmo coisa na Alemanha em muitos lugares, você pode escolher “eu quero escolher andar de lá ou andar de lá pro mesmo destino”. É uma coisa que ele decidir e começar, naturalmente em este ano ele era na governo e na tempo de guerra eles não continuaram de fazer. Mas ele começar de fazer muitas coisas e ele fiz já deste tempo da governo dele, e muitas coisas de ciência ele era em favor de fazer, e muitas coisas avançaram no tempo deles...

### **Porque o senhor acha que os judeus foram escolhidos como alvo?**

Você precisa saber, existe muitos tipos diferentes de judeus, e especialmente na leste da Europa, na Polônia, Ucrânia, existe um tipo de judeus ortodoxos que são uma minoria dentro de judeus também. Mas eles tinham uma influência na antiga império Áustrio-Hungria, e lá eles era criado e ele (Hitler) era influenciado contra este tipo de judeus, e ele transformaram praticamente de um alvo contra todos as judeus. Mas o alvo realmente era este minoria, originalmente, este ortodoxos. Mas eram uns pessoas, não

somente ele, que eram realmente contra as judeus, e eles originalmente, eles queriam que as judeus vão ser “*expelados*” da Alemanha, eles não “*quereram*” matar, eles querem “eles são ficar nos outros estados”

### **Por questões políticas principalmente?**

Si, a problema era que era muito difícil de... achar um país que era preparado de receber as judeus, claro, como os judeus ricos, não era um problema extremamente sério, mas com a população normal era difícil naturalmente, ninguém quer receber pobres que precisam assistência (risos). E este era uma das problemas porque as judeus insistiram de criar Israel, por uma possibilidade que uma situação similar, as judeus tem uma possibilidade de imigrar em um Estado. E na tempo de guerra, a problema começava na 41, na território da antiga União Soviética e na Polônia também porque lá a população era hostil também contra as judeus, e muitas vezes as alemãs, estes Forças Especiais, não Exércitos normais da Alemanha, eles usaram a população lá contra as judeus, e mataram lá, muitos judeus, não milhões como nas campos de concentração depois, era mais tarde, começaram em 41 com a invasão da União Soviética e lá era decidido de matar as pessoas. E depois era a matança das campos de concentração, porque ninguém queria judeus. Mas você precisa pensar que a mesmo problema existia já dentro de Alemanha, as primeiros alvos de matar as pessoas, as próprias alemãs, porque as pessoas de deficiência era as primeiros alvos deles, de matar eles. Eu tinha uma vizinha, dois casos: no prédio em que nós moramos era um caso e na prédio no lado também, um era um homem que era epilético e outra era uma moça que era deficiência de cabeça, não muito sério, mas os dois eram “*salvados*”, eram salvos, eles não mataram. Eu tenho na família, parentes um pouco mais distantes, um caso também que eles não mataram porque ele podia trabalhar um pouco, era um homem ainda vivo, menos velho de que eu e até hoje ele é vivo, mas pode ser um alvo deles também, era perigo, porque não era bom de cabeça.

Vocês sabiam o que acontecia dentro dos campos de concentração?

Não. (1h29'36'') Nós sabemos que as campos de concentração existem, este nós sabemos, mas o que aconteceu lá você não pode imaginar e você não pode saber normalmente, nós tínhamos uma tia em Stuttgart, a vizinho dela em 33 era um alvo que era, que eles tratavam e ele entravam na campo de concentração, mas eles eram depois eles eram liberados, eles eram obrigados, não de falar da experiência deles, e com este nós não sabemos. era difícil também, eu encontrava na tempo de prisioneiro na Inglaterra um soldado de nós que era um tempo na um campo de concentração, e depois da guerra é mais fácil de falar deste experiência, mas por ele era muito difícil de falar deste tempo.

**E o que as pessoas sentiram depois que souberam o que acontecia lá dentro? Qual foi o ano mais ou menos que foi...**

Não, não, naturalmente todo mundo condenava este coisa. Meu primeiro experiência de uma coisa realmente errado era em 45, no ano eu era na Força Aéreo, eu era estacionado em Dresten(?), uma cidade importante, a base aérea era um pouco fora da cidade, a cidade era atacado de bombardeiros, mas lá acontecer nada, onde nós estamos. E um dia nós fizemos uma tipo de excursão de pé, e atrás da campo onde as base das aviões era, lá era uma das estradas importantes com quatro pistas e lá nós encontramos uma coisa

muito estranhos. Era uma colona das pessoas de pé andavam de pé e soldados muito velhos no lado deles, de uma tipo de carta, mas muito poucos, e as pessoas lá de crianças, mulheres, todo mundo misturados, em uma não uniforme realmente, mas uma tipo de vestido estranho, não uniforme, depois nós sabemos que era uniforme do campo de concentração, em este tempo nós não sabemos, uma coisa muito estranho naturalmente. E nós perguntamos por este guardas: “que é este?”, “nós temos ordem de transportar esse massa de pessoas, são de campo de concentração”. Naturalmente esses soldados velhos não sabiam nada de crime ou porque eles eram lá, e: “nós temos ordem de transportar estes pessoas para Bavária”, que era uma distância de 300, 400 quilômetros de andar de pé, e nós perguntamos lá: “mas como, como estes pessoas vai ser alimentados, como eles vai receber água, como eles vai dormir?”, “nós não sabemos nada”, e com este era primeiro vez que nós encontramos uma coisa realmente criminosa, você não pode tratar pessoas em este maneira. Era em fevereiro 45. (silêncio) Naturalmente nós podemos fazer nada.

**Mas o senhor sabe me dizer qual o tipo de sentimento que os alemães tiveram quando reconheceram as coisas que as pessoas sofriam nos campos de concentração?**

Não, na primeiro... em 33 as campos de concentração eram criados, e você precisa pensar a situação que eu descreve antes, como a situação de toda Alemanha era, o tipo de guerra civil praticamente, era a pensamento de pessoas era uma necessidade de parar com este situação, uma das soluções é prender este pessoas que “fizeram” estes coisas, e “obviamente”, como exemplo eu descrevi, o outro era também depois um tempo este pessoa eram liberados de novo. Este pessoa eu encontrei na Inglaterra, ele era em favor de comunistas, ele distribuir “panfletas” em favor de comunistas em. acho 34, e eles prenderam ele e ele entrava na campo de concentração e depois, era jovem ainda, e depois um tempo era liberado de novo.

**Era prisioneiro político...**

Era prisioneiro político.

**Mas ele era inglês?**

Não, era alemão, de Bavária. Depois eu acho que visitei ele, depois nós estamos liberados em Alemanha, acho que nos anos 50, não mais.. depois 56, acho eu visitei ele uma vez onde ele morava.

**E ele conversava sobre...?**

Muito difícil de falar deste tempo com ele. Em este tempo nós não falamos de campo de concentração, somente falamos como é, como está, coisas desses só, uma visita muito curto era. Porque eu fiz um passeio com o carro lá. Mas em Inglaterra tinha tempo suficiente de falar e lá era muito difícil por ele de explicar o que aconteceu e era lógico, não era restrições mais de falar.

**Era pessoal?**

Era pessoal.

### **E por que o senhor foi feito prisioneiro na Inglaterra?(1h39'24'')**

Porque eu era da Força Aérea da Alemanha e originalmente eu ser treinado de piloto, piloto de caça. E em fevereiro 45, as coisas eram perigoso demais de continuar com este treinamento de aviões lá dentro da Alemanha, porque era cheio de aviões de Aliados, e nós não podíamos continuar. Resultado era que um parte de nós era transferido para o sul de Áustria, eventualmente de continuar com a treinamento o resto de nós, eram 100 pessoas, eram transferidos para Holanda. Mas a situação era já uma catástrofe. É declarado um transporte de urgência que nós temos, precisamos por este distância de (?) até Holanda, são talvez 500 quilômetros de trem de ferro, precisamos 10 dias. E lá eu era transferido para um tipo de pára-quedistas, e lá eu entrava por uma unidade que era baseada em norte de Holanda, e nós tinha ordem de “*compartir*” pára-quedistas de aliadas que eram atrás de linhas de nós. E lá era uma batalha muito pequeno, eu era o único de um lado de um rio, das alemãs, outros alemãs eram da outro lado de rio, eram canadenses que entravam lá e eu era prisioneiro... não tinha armas nada, eu era prisioneiro deles no lado deles, “*parcialmente*” eles falavam inglês e eu podia falar um pouco de inglês também, com este nós podíamos entender. Eles eram não hostis, não eram, e com este, eles falaram com nossos pessoas lá na outro lado de rio que eu era prisioneiro agora, e que eles vão mandar recado por meus parentes, mas valia nada naturalmente porque em este tempo funcionava nada mais na Alemanha, você não podia informar ninguém mais, somente depois uns meses eu podia fazer uma carta da Inglaterra por meus pais, que eu não sou morto, que eu vivo ainda em Inglaterra. E com este, eu ficava com estes pára-quedistas uns dias até eles eram liberados, a linha das aliadas avançava e eles eram liberados e com este eu era transportado por um campo de prisioneiros na Bélgica, perto da Alemanha(?), e lá era decidido que fazer com as prisioneiros, era solucionado depende que era: eram as membros de SS estes forças da nazistas, eram as membros de força aérea, eram as membros de marinha, submarinos, não todos “*marineiros*”, membros de submarinos. Era uma divisão especial de Exército, uma divisão de tanques(?), este pessoas eles pensaram “são perigosos”, e mandaram eles para Inglaterra.

### **Não mataram ninguém?**

Não mataram ninguém, não (ênfase).

### **Tratavam bem os prisioneiros?**

Sim, normal, normal. Ninguém, em este tempo, era tratada realmente mal, porque você precisa entender, e eles entenderam também, em este tempo, em Holanda, as ingleses já invadiram Alemanha até a Porto de Primem(?), e nós já era separados na Holanda da resto de Alemanha, e nós sabemos já “a guerra vai terminar em curto tempo” (1h46'34'') porque Alemanha não podia mais resistir mais, as americanos já eram em Nuremberg, em sul de Alemanha em este tempo, e nós resistimos e combateram só de não de ser prisioneiros, porque nós pensamos eventualmente “no tempo a guerra vai terminar e nós não vamos ficar prisioneiros”, em este tempo que “a guerra vai terminar, eventualmente nós podemos voltar para a casa” e este era pensamento... não era combater muito sério mais, nós sabemos e outros também (risos)

### **O senhor chegou a entrar em combate durante a guerra?**

Não, era um único combate direto que eu experiênciava, onde eu era prisioneiro no mesmo tempo e a tratamento depois... depois nós entramos na Inglaterra, e a tratamento era absolutamente muito bom, eu não pode reclamar, por exemplo, normalmente as soldados na Alemanha era transportado em vagões de carga normalmente por cavalos, era uma coisa como colchões lá e você andava com este, e a primeiro transporte na Inglaterra era um transporte de vagões de luxo (risos), eram vagões na Londres uma mesa e quatro "poltrões" na mesa, você pode mudar, era realmente "poltroas" de bom qualidade (risos), era um vagão como em Alemanha era de primeiro classe.(risos)

### **Eles te usaram como tradutor?**

Não, em este tempo não, depois. Em este tempo era Abril em 45, eu não era selecionado ainda, e nós era transportado de um campo grande de onde nós era distribuídos para campos diferentes dentro a Inglaterra e lá era distribuído por um campo perto de Linz (?) uma cidade pequeno, que chama (?), e lá era um campo grande, eram talvez dez mil pessoas lá em campos separados, um parte eram italianos, outro eram oficiais da Alemanha, outros eram soldados normais?

### **Tinha alojamento? O lugar de dormir era onde que vocês ficavam?**

Não, a combate era em sul de (?) da Holanda, onde eu era prisioneiro, o lugar absolutamente exato eu não sei, como se chama este, não era um vila pequeno... eu não sei como se chama. E lá na Inglaterra era tratado, era normal. E lá com estes dez mil pessoas, eles precisavam, uns tradutores, não era primeiro, eram outros que a conhecimento de inglês era muito melhor do que o meu em este tempo. E eles perguntaram quem estudava inglês, e na escola, e era de todos esses pessoas fora, que eles eram selecionados já antes, eram talvez dois ou três, que eram profissionais praticamente de comércio estrangeiro da Alemanha, um pessoa que era estacionado, na tempo de guerra, em ilhas de Canais(?) que pertence da Inglaterra, as pessoas lá falam inglês, e as pessoas em contato todo tempo eles falavam inglês lá. Era comerciante da exterior já antes da Alemanha, era uma das casos. E com este, eu era o primeiro de todos estes prisioneiros que tinha conhecimentos maiores "teoricamente" da inglês, porque eu estudava em este tempo 8 anos na escola Inglês, incluído três anos com aulas extras da Inglês comercial, e com este eu tinha conhecimento, eu podia ler um jornal, eu podia ler um livro, eu podia entender as coisas, mas não podia falar (risos), não tinha possibilidades antes de falar, e era na saída de campo, era uma guarda praticamente lá, e com ele eu era estacionado de tradutor com coisas que aconteceram lá. E eram dois sargentos, e estes fazia praticamente nada, e eles estudavam comigo de falar inglês, porque a base eu tinha, eu sabia muitos palavras, a base era existente, somente faltava falar. Em curto tempo não era problema mais.

### **E alem desse homem que o senhor conheceu na Inglaterra que era do campo, teve alguém próximo que o senhor conheceu que sofreu com a guerra, sofreu morte ou humilhação...**

Não, claro, eu tenho parentes, um tio de mim morreu em Stuttgart, onde nós moramos, eu falava de uma tia que era vizinho de um pessoa que era prisioneiro em campo de concentração. O tio, marido dela morreu, era uma coisa "acidencial", falta sorte realmente.

### **Ele era soldado?**

Não, ele não era soldado. Ele era já velho, era um emprego de uma seguradora, ele era, e na área onde eles moravam, aconteceu nada, ele era obrigada em este área, se era alarme des aviões de “*inspectar*” que aconteceu uma coisa, e alarme não se era terminado, aconteceu nada até este tempo, e ele saiu da casa dele e era na rua, ele era, e uma bomba caiu e mataram ele, e destruir uns casos lá, a casa dele *parcialmente* era destruído também. Mas meu tia era dentro de casa e não acontecer nada com ela, era uma das mortos. Outras pessoas, que este era a parente mais perto de mim, outros, no mesmo cidade de Stuttgart era parentes mais distantes, eram mortos com bombas aliados, eram dois irmãos, que moraram não muito longe de nós, talvez um e meio quilometro. No outro lado, onde nós moramos, uma bomba caiu também, destruiu o prédio outro lado de rua, nosso prédio era *parcialmente* destruído, meus pais, era em outubro 44, nós não poder morar mais lá, nós mudamos muito perto de um outro prédio lá.

### **Mas eram acidentais as bombas?**

Eram acidentais, sim. Perdi um parente depois a guerra, era um administrador de partido nazista e que as primeiros que entravam na Stuttgart eram as franceses e ele era um administrador da partido de nazista, e uma das tarefas deles eram selecionar as pessoas que entravam nas abrigos contra as bombas, e a acusação era que ele preferia que estes abrigos primeiro entrava as alemãs e se espaço suficiente os outros podemos entrar também, ele era acusado de fazer este decisão, resultado era que as franceses condenaram eles de morta, ele era morta depois da guerra. E uma outra família, parentes distantes, a família tinha seis filhos, 4 filhos e dois filhas, todos as quatro filhas eram mortes na Rússia, na invasão de Rússia

### **Essa família é de parente distante?**

Pouco distante. era ligado, eram acho de avós de nós, eram irmãs, uma coisa deste, parentes distantes já. mas ainda nós temos conexão.

### **As pessoas das cidades, durante a guerra, os parentes e amigos, elas tinham raiva dos americanos, dos ingleses, dos aliados?**

Não, porque você pensava “é um problema de guerra”, as pessoas individuais não são responsáveis.

### **Sua tia por exemplo ela não ficou com raiva dos aliados quando perdeu o marido com a bomba?**

Não, a pensamento é diferente, porque você pensa, você vai combater os outros também, todos tem parentes, pessoas perto das pessoas, é individual que fazer uma coisa contra você não é responsável por um problema de guerra.

### **Vocês pensavam de forma coletiva?**

Si

**Inclusive quando eles iam entrar, vamos supor, apoiar Hitler, eles não entravam porque era vontade deles, eles pensavam no coletivo?**

Si si, não, você precisa, em todos estes casos, você precisa pensar em uma tipo de coletivo, você precisa pensar o mesmo coisa aqui, se você pensar de um partido, você não pensar um individual.

**Esse pensamento coletivo tem a ver com aquela ideologia nacionalista?**

Não, porque agora uma da resultado de Hitler é que nós não só pensamos agora em mais em este direção por exemplo, antigamente, em tempo de Weimar, nós chamamos, antes de Hitler, todos as instituições sociais, Igrejas, todo que você pode pensar eram mais ou menos um contra de outro, e uma das lições nós aprendemos, você não pode andar em este maneira, e depois nosso pensamento é totalmente diferente agora: “Nós precisamos fazer as coisas juntos que é possível, de cooperar um com o outro”, por exemplo: as igrejas da protestantes e das católicos na Alemanha fazer muitas coisas juntos e cooperar um de outro, de coisas sociais especialmente e na religião também. Um exemplo muito bom: eu sou protestante e Heylar é católico, nosso igrejas são muito perto um de outro onde nos (2h05') (?), e eles cooperaram, e muitas vezes eles fazem serviços juntos, um mês uma vez juntos nas igreja, juntos na igreja das protestantes, duas vezes separados e outro vez na igreja católicos juntos as protestantes e as católicos.

**Mas isso vocês aprenderam depois de Weimar?**

Depois da guerra, sim.

**Depois da guerra?**

Depois da guerra. Não, antes, impossível de pensar, impossível.

**Durante a guerra não?**

Não, mas pessoalmente eu aprendi, eu não sou muito ligado de igreja, pessoalmente. Mas na Inglaterra, dentro deste tempo de mais de três anos, eu aprendi que as padres não tem importância, são católicos ou protestantes, tinha os dois, tínhamos as dois lá. era muito importante para muitas pessoas lá para assistência mental por eles e com este aprendi: as igrejas são uma instituição muito importante, fora das coisas sociais eles fazem.

**Durante o período de guerra, porque a gente não tem nem idéia de como que é né, a gente aqui no Brasil nunca e nem parentes nossos passamos por uma situação assim, então a gente não consegue imaginar como que as pessoas encaram isso. A gente sempre pensa assim: a população na época tinha raiva de alguém? Punha a culpa da guerra em alguém?**

Não, normalmente não. Aconteceu uns coisas, é.. bombardeios. Era alvos anti-aéreos, combate anti-aéreos. As pilotos, as outros membros das aviões precisavam deixar avião porque *aviaos* iam cair. Eles usam pára-quedas, “*parachutes*” de salvar eles, lógico, não problema. Se eles entravam... se eles não tinham (?) *parcialmente* eles eram atacado.

Mas com as soldados e a policia, eles *protectavam* eles. Policia e soldados *protectavam* as soldados de outro lado. Mas existem pessoas não combatentes que eram com raivas e atavacam, existem casos destes.

**Mas na maioria eles não faziam nada?**

A maioria não.

**Quando os soldados caiam do avião de pára-quedas, os soldados alemães protegiam os aliados?**

Sim, claro. Contrário à população. Se a população quer atacar...

**Mas na maioria dos casos a população não atacava?**

Na maioria dos casos não atacava.

**Então são casos isolados de revolta né?**

São casos isolados, mas aconteciam.

**E as pessoas chegavam a sentir raiva do próprio Hitler durante a guerra?**

Não, durante a guerra não. Eu pode explicar. A caso muito complicado. Talvez você sabe: em 20 de julho 44 acontecer um *atempto* de matar Hitler. (*palavra em alemão*). Pessoa importante que fiz *atempto*. Mas era serie de oficiais e generais envolvidos. E em este tempo eu era uns dias na força aérea e era alarme lá e nós não sabemos que aconteceu e se vão receber um ordem de um oficiais, nós vamos fazer o q ele vai ordenar, você, soldado comum, você sabe de nada. Você não sabe, você vai combater em favor de Hitler ou contra.

**Você só obedece a ordem?**

Só obedece o superior.

**Esse atentado foi com bomba né?**

Foi com uma bomba comum sim, não de homba aérea.

**Era um general que lutava na África?**

Não, este é (?), ele era envolvido indireto, ele não era envolvido direto em este *atempto*, este é uma outro coisa. O (?) pensava de ele ela o comando de chefe na fronteira de Normandia, onde os aliados entravam na Europa, e a pensamento dele era, depois uns semanas, as aliados vão conseguir de entrar na França e vão quebrar as linhas das alemãs, e com este a guerra por Alemanha não pode ser em favor mais da Alemanha, e a pensamento dela era "Nós precisamos terminar com a guerra". Queria de liberar a fronteira contra as aliados em caso esse vai acontecer, este quebrado de linha da Alemanha, realmente acontecer. (?) em norte de França, na leste de Normandia. E as, estes, como você fala... estes inteligência secreto, eles sabiam a pensamento dele e ele

era um perigo também por Hitler pessoalmente porque a propaganda dentro da Alemanha era muito em favor de (?) que era antigamente um "hero", como você pode falar, ele era realmente, militarmente um gênio. E se ele vai o oponente de Hitler dentro da Alemanha, o povo muito provável vai ficar no lado de (?), e não de Hitler, este era o perigo de Hitler. E com este Hitler ordenava que ele vai ser morto.

### **Mas ele foi morto depois do atentado?**

Depois, claro, claro. Muito depois. Ele podia escolher de ser morto e a família dele vai ser salvo ou ele vai ser em frente de uma júri.

O senhor ouvia durante o período de guerra das pessoas reclamando da guerra? Ou as pessoas simplesmente aceitavam?

Não, não... poucos. Naturalmente ninguém gostava da idéia de guerra, este claro. Mas é uma parte muito longe de declarar "eu sou contra", declarar ser contra era um problema perigoso naturalmente. Ninguém *expectava* você ser entusiasmada com a guerra, ninguém *expectava* este.

### **E nas conversas, entre os próprios soldados não existia isso?**

Não, de soldado, você obedece as ordens, você não tem outra escolha, somente acordo das leis dentro da Alemanha, já em este tempo como uma exceção, você não precisa fazer um ordem se contrario a ele. Se um soldado ordem você: "você vai matar este pessoa", você não precisa obedecer.

### **Porque é contra a lei?**

Porque é contra a lei.

### **Tinha essa lei durante a guerra?**

Sim, tinha. Somente na Rússia as leis eram mudado, mas somente na fronteira de Rússia, lá as leis não ficavam mais, lá você pode matar. Mas na França, outros países você precisa absolutamente obedecer o lei.

**O senhor sabe que quando tiveram os julgamentos, os principais... o de Nuremberg, depois em Jerusalém do Eichman, a principal desculpa que eles davam, se é que eu posso chamar de desculpa, é que eles fizeram aquilo porque recebiam ordens, o senhor acha que isso pode ser considerado como uma desculpa?**

Não, exato... este é o problema. Você não pode desculpar uma crime, as acordos de leis existiram lá em Alemanha, você não pode desculpar um crime você faz, você recebeu um ordem de um crime.

### **Não é justificado assim?**

Você não pode justificar você. Eram leis de Alemanha.

### **Era uma lei humanitária não era?**

Sim, somente na fronteira de Rússia era diferente, uma exceção e lá aconteceu os primeiros matanças de judeus.

### **Mas na Polônia tinha esta lei também?**

Não, primeiro sim, em 39, mas depois não.(2h19'05'')

### **A gente não imagina como seja isso né? A gente nunca teve uma guerra. É muito distante né?**

Si, muito distante. Mas uns brasileiros acho, existe uma expedição de brasileiros em 44 e 45 que entrava na guerra dentro de Itália, mas muito pouco.

### **Vinte mil, eram os pracinhas, foram 20 mil brasileiros**

Mas eles não eram envolvidos muito em combates. A coisa mais importante para as aliados eram as possibilidades na norte de Brasil de usar as portos e as aeroportos lá. Este era mais importante por eles

### **Depois assim, depois que acabou a guerra, que a Alemanha voltou a se governar, as coisas acalmaram, as pessoas se sentiam como em relação a isso? Elas comentavam...**

Não, é... naturalmente. Depois eles sabiam que aconteceu realmente, eles não eram em favor mais.

### **Eles ficaram assustados?**

Si porque lógico, com estes eles não eram em favor realmente da julgamento como acontecer na Nuremberg, porque as julgamentos não eram totalmente justos, porque a problema é que acontecer crimes na outro lado também, e ninguém faz um julgamento destes crime.

### **É, de vez em quando a gente vê na televisão falando isso né?**

Sim, e com este é difícil. ninguém naturalmente pensa que este pessoas que eram julgados condenados eram inocente, lógico não, mas não eram os únicos. (fala de Heylar...)

Uma das resultados deste guerra é a mudança de pensamento de todos os povos praticamente da Europa porque agora nós sabemos, "nós não podemos continuar nos mesmo maneira que antes, todos sabemos este, nós precisamos cooperar" e a resultado é a unificação da Europa (fala de Heylar...)

Mas não somente este, a Plano de Marshal de Estados Unidos de ajudar Europa, não somente a Alemanha mas outros países que eram também destruídos. Naturalmente era *parcialmente* na ingresso de Estados Unidos contra a Rússia, não somente de Alemanha, as outros receberam ajuda também (fala de Heylar...)

**Sabe uma coisa que eu nunca entendi, as vezes o senhor consegue me explicar, por que a Suíça conseguiu ser neutra? Como, por que ninguém invadiu a Suíça, como ela conseguiu isso?**

(Risos) É uma pergunta correto, mas você precisa entender, ganhar uma coisa contra a Suíça, você ganha praticamente nada e a Exército da Suíça é muito forte e você vai ter, se você invadir lá, você vai receber muitos mortos no lado de você, e a ganha que você vai receber não compensa esse.

**É um país que não é econômico economicamente mas é muito poderoso militarmente?**

Muito uso militar na fronteira deles (...)

A povo lá quer ser independente, eles não quer ser como os outros (...)

Mas este é diferente, com os mais jovens, este hostilidade não existe mais.

**Vai diluindo né?**

Vai diluindo

**A Rússia que ainda ta muito hostil né?**

Não, as russos... as vítimas mais grandes da último guerra primeiro as poloneses, segundo lugar as rússios (...)

Eu precisa falar uma outro coisa ainda de Hitler. Você precisa pensar que um tipo como Hitler tem uns idéias bons e outros totalmente criminosos, você não pode compensar um de outro, não pode. Se uma coisa é criminoso vai ficar criminoso (...)

**Muita gente considera as atitudes do Hitler como uma coisa patológica, de doença...**

Pode ser sim, ele mudava impressionante, eu esqueci de falar deste aspecto. Este tio que era importante da (?) da Alemanha, dentro de guerra ele pertence a um oficial na Supremo Comando das Forças Armadas da Alemanha e com este uns vezes ele encontrava com Hitler e ele era impressionado em este tempo, 41...42. com as conhecimentos de Hitler, com as assuntos militares e da propaganda também. E depois começar com 43 mais ou menos a personalidade *obviamente* mudava totalmente e com este é realmente bom de falar que ele era não totalmente bom de cabeça, mas depois este era...

**Depois de 41?**

Não, depois acho 43, final 42/43, porque lá aconteceram militarmente as decisões totalmente errados no lado de Alemanha.